



Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILICIAS.

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

IX.

MEMORIAS
DE
UM SARGENTO DE MILICIAS.

PQR

M. A. D'ALMEIDA.



RIO DE JANEIRO.

TIPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
Rua do Rosario n. 84.

1863.

PRIMEIRA PARTE.

I.

ORIGEM, NASCIMENTO E BAPTIZADO.

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cõtando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — O canto dos meirinhos — E bem lhe assentava o nome, porque era ahi o lugar de encontro favorito de todos os individuos dessa classe (que gozava entãõ de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temivel e temida, respeitavel e respeitada; formavam um dos extremos da formidavel cadêa judiciaria que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida. O extremo opposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se

tocam, e estes, tocando-se, fechavam o circulo dentro do qual se passavam os terriveis combates das citações, provarás, razões principaes e finaes, e todos esses tregeitos judiciais que se chamava o *processo*.

Dahi sua influencia moral.

Mas tinham ainda outra influencia, que é justamente a que falta aos de hõje: era a influencia que derivava de suas condições physicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaesquer outros; nada têm de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartorio ou continuo de repartição. Os meirinhos desse bello tempo não; não se confundiam com ninguém; eram originaes, eram typos. Nos seus semblantes transluzia um certo ar de magestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavam chicana. Trajavam sisuda casaca preta, calção e meias da mesma côr, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocratico espadim, e na ilharga direita penduravam um circulo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéo armado.

Collocado sob a importancia vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrivel quando, ao voltar uma esquina ou ao sahir de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquellas solemnes figuras

que, desdobrando junto d'elle uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remedio em taes circumstancias senão deixar escapar dos labios o terrivel: —Dou-me por citado.—Ninguem sabe que significação fatalissima e cruel tinham estas poucas palavras! Eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; queriam dizer que se começava uma longa e afdigosa viagem, cujo termo bem distante era a casa da relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem numero de pontos. O advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoraveis charontes, estavam á porta de mão estendida, e ninguem passava sem que lhes tivesse deixado, não um obolo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a ultima parcella de sua paciencia.

Mas voltemos á esquina. Quem passasse por ahi, em qualquer dia util dessa abençoada época, veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam—cadeiras de campanha—um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente, conversando pacificamente em tudo sobre que era licito conversar: na vida dos fidalgos nas noticias do reino e nas astucias policiaes do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhoal, pregada na esquina, havia uma quanti-

dade constante, era o Leonardo Patacá. Chamavam assim á uma rotunda e gordissima personagem de cabellos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A vellice tinha-o tornado molleirão e pachorrento; com sua vagareza atrasava o negocio das partes; não o procuravam; e por isso já mais sahia da esquina; passava alli os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cincoenta era a sua infallivel companhia. Do habito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a modica quantia de 320 réis, lhe viera o appellido, que juntavam ao seu nome.

Sua historia tem pouca cousa de notavel. Fôra Leonardo algibebe em Lisboa, sua patria; aborrocera-se porém do negocio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por protecção de quem alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com elle no mesmo navio, não sei fazer o que, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rochonehuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e, sobretudo era maganão. Ao sahir do Tejo, estando a Maria encostada á borda do

navio, o Leonardo fingio que passava distrahido por junto della, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadella no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquillo, sorrio-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe tambem em ar de disfarce um tremendo belliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em fórma, segundo os usos da terra. Levaram o resto do dia em namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma scena de pisadella e belliscão, com a differença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dous amantes tão extremosos e familiares, que pareciam se-lo de muitos annos.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: forão os dous morar juntos; e dahi a um mez manifestaram-se claramente os effeitos da pisadella e do belliscão. Sete mezes depois teve a Maria um filho, formidavel menino de quasi tres palmos de comprido, gordo e vermelho, cabelludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais interessa, porque o menino de quem fallamos é o heróe desta historia.

Chegou o dia de baptizar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas duvi-

das ; o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz ; porém teve de ceder a instancias da Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro defronte, que afinal foi adoptado. Já se sabe que houve nesse dia funcção ; os convidados do dono da casa, que eram todos d'além mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes ; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dansavam o fado. O compadre trouxe a rabeça, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do officio. A principio o Leonardo quiz que a festa tivesse ares aristocraticos, e propoz que se dansasse o minuete da côrte. Foi aceita a idéa, ainda que houvesse difficuldade em encontrar-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado ; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antithese da sua ; um collega do Leonardo, miudinho, pequenino, e com fumaças de gaiato, e o saeristão da sé, sujeito alto, magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeça ; e o afilhadinho, deitado no collo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recommençar outras tantas.

. Depois do minuete foi desapparecendo a cerimonia, e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquelle tempo. Chegaram uns rapazes de viola e

machete; o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lyrica do divertimento. Sentou-se em um tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um bello effeito comico vê-lo, em trajos do officio, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monotono zumzum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha patria. Foi nas saudades da terra natal que elle achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom portuguez, que o era elle. A modinha era assim :

Quando estava em minha terra,
Acompanhado ou sosinho,
Cantava de noite e de dia
Ao pé de um copo de vinho !

Foi executada com attenção e applaudida com enthusiasmo ; sómente quem não pareceu dar-lhe todo o apreço foi o pequeno, que obsequiou o pai como obsequiara ao padrinho, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. Á Maria avermelharam-se-lhe os olhos, e suspirou.

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeos ás ceremonias. Tudo dahi em diante foi borborinho, que depressa passou á gritaria, e ainda mais depressa á algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se passar através das rotulas da porta e janellas umas certas figuras, que denunciavam que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a ultima que sahio, deitando a benção ao afilhado e pondo-lhe no cinteiro um raminho de arruda.

II

PRIMEIROS INFORTUNIOS

Passemos par alto sobre os annos que decorreram desde o nascimento e baptizado do nosso memorando, e vamos encontra-lo já na idade de sete annos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentio aquillo que annunciara desde que nasceu; atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta; era colerico; tinha ogerisa particular á madrinha, a quem não podia encarar, e era estranhão até não poder mais.

Logo que pôde andar e fallar tornou-se um flagello; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha á mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéo armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o immediatamente, espanava com elle todos os mo-

veis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com elle a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquillo lhe havia custar aos ouvidos, e, talvez ás costas, arrancava-lhe das mãos a victima infeliz. Era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada certa região do corpo; porém elle não se emendava, que era tambem teimoso, e as travessuras recommçavam mal acabava a dôr das palmadas.

Assim chegou aos sete annos.

Afinal de contas a Maria sempre era saloia, e o Leonardo começava a arrepender-se seriamente de tudo o que tinha feito por ella e com ella. E tinha razão, porque digamos, depressa e sem mais ceremonias, havia elle desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraçoado. Havia alguns mezes atrás tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta, e enfiava olhares curiosos através das rotulas; uma occasião, recolhendo-se parecera-lhe que o vira encostado á janella. Isto, porém, passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo collega seu o procurasse em casa, para tratar de negocios do officio, sempre em horas desencontradas; porém isto tambem passou em breve. Finalmente

aconteceu-lhe por tres ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto causou-lhe serios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta a dentro ; alguém, que estava na sala, abriu precipitadamente a janella, saltou por ella para a rua, e desapareceu.

A' vista disto nada havia a duvidar ; o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as estribeiras; ficou cêgo de ciume. Largou apressado sobre um banco uns autos que trazia embaixo do braço, e endireitou para a Maria com os punhos cerrados.

—Grandecissima !...

E a injuria que ia soltar era tão grande que o engasgou..... e poz-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dous passos e poz-se em guarda, pois tambem não era das que se receiava com qualquer cousa.

— Tira-te lá, ó Leonardo !

— Não chames mais pelo meu nome, não chames.... que tranco-te essa boca a sôcos....

— Safe-se dahi ! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos comigo a bordo ?

Isto exasperou o Leonardo ; a lembrança do amor augmentou-lhe a dôr da traição, e o ciume e a raiva de que se achava possuido transbordaram em sôcos sobre a Maria, que depois de uma

tentativa inutil de resistencia desatou a correr, a chorar e a gritar :

— Ai... ai... acuda, Sr. compadre... Sr. compadre!.....

Porém, o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguez, e não podia larga-lo. Por tanto a Maria pagou caro e por junto todas as contas. Encolheu-se a choramigar em um canto.

O menino assistira á toda essa scena com imperturbavel sangue-frio ; enquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, elle occupava-se tranquillamente em rasgar as folhas dos autos que este tinha largado ao entrar, e em fazer dellas uma grande collecção de cartuxos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma cousa mais do que seu ciume, reparou então na obra meritoria em que se occupava o pequeno. Enfureceu-se de novo ; suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia volta, ergueu o pé direito, assentou-lhe em cheio sobre os gluteos, atirando-o sentado a quatro braças de distancia.

— Es filho de uma pisadella e de um belliscão , mereces que um pontapé te acabe a casta.

O menino supporton tudo com coragem de martyr, apenas abrio ligeiramente a boca quando foi levantado pelas orelhas ; mal cahio, ergeu-se, embarafustou pela porta fóra, e em tres pulos es-

tava dentro da loja do padrinho, e atracando-se-lhe ás pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguez a bacia de barbear, que lhe tirara dos queixos : com o choque que sofreu a bacia inclinou-se, e o freguez recebeu um baptismo de agua de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má !...

— Senhor, balbuciou este.... a culpa é deste endiabrado.... O que é que tens, menino?

O pequeno nada disse; dirigio apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão tremula nessa direcção.

O compadre olhou tambem, applicou a attenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham ! resmungou ; já sei o que ha de ser..... eu bem dizia..... ora ahí está !...

E, desculpando-se com o freguez, sahio da loja e foi acudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que elle suspeitara alguma cousa ; e saiba o leitor que suspeitara a verdade.

Espiar a vida alheia, inquerir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquelle tempo cousa tão commum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos annos, restam grandes vestigios desse bello habito. Sentado pois no fundo da loja, afiando por disfarce os instrumentos do officio, o compadre presen-

ciara os passeios do sargento por perto da rotula de Leonardo, as visitas extemporaneas do collega deste, e, finalmente, os intentos do capitão do navio. Por isso contava elle, mais dia menos dia, com o que acabava de succeder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a rotula que o menino ao sahir deixara cerrada, e entrou. Dirigio-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil :

— O! compadre, disse, você perdeu o juizo?...

— Não foi o juizo, disse o Leonardo em tom dramatico, foi a honra!...

A Maria, vendo-se protegida pela presença do compadre, cobrou animo, e, altanando-se disse em tom de zombaria :

— Honra! .. honra de meirinho..... ora !

O volcão de despeito que as lagrimas da Maria tinham apagado um pouco, borbotou de novo com este insulto, que não offendia só um homem, porém uma classe inteira ! Injurias e murros á mistura cahiram de novo sobre a Maria das mãos e da boca de Leonardo. O compadre, que se interpuzera, levou alguns por descuido ; afastou-se pois á distancia conveniente, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador :

— Honra de meirinho é como fidelidade de sa-
lçia.

Emfim serenou a tormenta ; a Maria sentou-se a

um canto a chorar e a maldizer a hora em que nascêra, o dia em que pela primeira vez vira o Leonardo, a pisadella, o belliscão com que tinha começado o namoro a bordo, e tudo mais que a dôr dos murros lhe trazia á cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exasperação; avermelharam-se-lhe os olhos e as faces, cerrou os dentes, mettet as mãos nos bolsos do calção, inchou as bochechas, e poz-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como tomando uma resolução extrema, juntou as folhas dispersas dos autos que o menino despedaçara, enterrou atravessado na cabeça o chapéo armado, agarrou na bengala, e sahio baten-do com a rotula e exclamando :

— Vá-se tudo com os diabos !...

— Vai... vai... exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nas cadeiras, que o caso não ha de ficar assim... pôr-me as mãos !... ora... vou com isto á justiça !...

— Comadre.....

— Nada, não attendo. compadre... vou com isto á justiça, e apesar de ser elle um meirinhaço inuito velhaco, ha de se haver comigo.

— E' melhor não se metter nisto, comadre..... sempre são negocios com a justiça..... o compadre é seu official, e ella ha de punir pelos seus.

As ameaças da Maria não passavam de bravatas

que lhe arrancava o despeito, e, portanto, com mais quatro razões do compadre cedeu, e foi restituída a paz em casa. Houve então larga conferencia entre os dous, no fim da qual o compadre sahio dizendo :

— Elle ha de voltar... aquillo é genio..... ha de passar..... e se não..... o dito está dito; fico com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ella suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquella occasião, e por isso na conferencia que referimos tratara de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si e cuidaria do filho. Esse desarranjo ella figurara e o compadre acreditara que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente, e que a Maria tinha razão quando fallara ironicamente em honra de meirinho.

Toda esta scena que acabamos de descrever passou-se de manhã. A' tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, afflicto e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aerio que o pontapé de seu pai lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador :

— O passado passado; vamos... ella está arre-

pendida... doudices de rapariga... mas não ha de fazer outra...

O Leonardo não respondeu ; poz-se a passear pela loja com as mãos oruzadas para trás e por baixo das abas da casaca; porém pelo seu semblante via-se que elle estimara as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronuncia-las se elle não o precedesse.

— Vamos até lá, disse o compadre, e acabe-se tudo! Coitada!... ella ficou muito chorosa.

— Vamos, disse o Leonardo!...

Chegando á porta de casa fez uma pequena parada, como quem tinha tomado a resolução de não entrar; mas o que elle queria eram algumas supplicas do compadre, que pudessem ser ouvidas pela Maria, afim de faze-la acreditar que se elle voltava era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo :

— Entre, homem..... basta de criaçadas....o passado passado.

Entraram. A sala estava vazia; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto em uma das mãos, conservando sempre o chapéo armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre comico e melancolico.

— Ccmadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo está acabado; venha cá...

Ninguem respondeu.

— Ha de estar ahí a chorar mettida em algum canto, tornou o compadre.

E começou a procurar por toda a casa.

Não era esta mui grande, em pouco percorreu-a toda, e ficou tomado do mais cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou, portanto, á sala entre consternado e espantado.

O Leonardo, suppondo que elle tinha achado a Maria, e que sem duvida a trazia pela mão contricta e humilhada, quiz fazer-se de bom, esgheu-se, metteu as mãos nos bolsos, e poz-se de costas para o lugar donde vinha o compadre.

— O! compadre, disse este approximando-se. . .

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se....
o dito por não dito.... mudei de resoução!....

— Olhe, homem....

— Nada, nada... está tudo acabado....

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando se lhe queria pôr de frente.

— Homem.... escute... olhe que a comadre....

— Não quero saber della... está tudo acabado; e já disse....

— Foi-se embora.... homem.... foi-se embora, gritou o compadre impacientado.

O Leonardo foi fulminado por estas pa'avras;

voltou-se então todo tremulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

— Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado.... adeos compadre !

— Mas olhe que o pequeno.... atalhou este.

O Leonardo nada respondeu, e sahio precipitadamente.

O compadre comprehendeu tudo; vio que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer :— Está bom, já agora.... vá; ficaremos com uma carga ás costas

Ao outro dia sabia-se por toda a vizinhança que a Maria tinha fugido para Portugal com o capitão de um navio, que partira na vespera de noite.

— Ah ! disse o compadre com um sorriso maligno, ao saber da noticia, foram saudades da terra !...

III.

DESPEDIDA ÁS TRAVESSURAS.

O Leonardo abandonara de uma vez para sempre a casa fatal onde tinha soffrido tamanha infelicidade. Nem mesmo passara mais por aquellas alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não lhe pôde pôr a vista em cima.

O pequeno, emquanto se achou novato em casa do padrinho, portou-se com toda a sisudez e gravidade; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fóra. Apesar disto captou do padrinho maior affeição, que se foi augmentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada. Até nas proprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça; não havia para elle em todo o bairro

rapazinho mais bonito, e não se fartava de contar á vizinhança tudo o que elle dizia e fazia; ás vezes eram verdadeiras acções de menino mal creado, que elle achava cheio de espirito e de viveza; outras vezes eram ditos que denotavam já muita velhacaria para aquell'idade; e que elle julgava os mais ingenuos do mundo.

Era isto natural em um homem de uma vida como a sua, tinha já 50 e tantos annos, nunca tinha tido affeições; passára sempre só, isolado; era verdadeiro partidario do mais decidido celibato. Assim a primeira affeição que fôra levado a contrahir, sua alma expandio-se toda inteira, e seu amor pelo pequeno subio ao gráo de rematada cegueira. Este, aproveitando-se da immundidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha á cabeça.

Umaz vezes sentado na loja divertia-se em fazer carêtas aos freguezes. quando estes se estavam barbeando. Uns enfureciam-se, outros riam-se sem querer; do que resultava que sabiam muitas vezes com a cara cortada, com grande prazer do menino e descredito do padrinho. Outras vezes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguez levava por muito tempo com a cara cheia de sabão, mordendo se de impaciencia, enquanto este a procurava. Elle ria-se furtava e malignamente. Não parava em casa cousa alguma

por muito tempo inteira; fazia andar tudo em uma poeira; pelos quintaes atirava pedras aos telhados dos vizinhos; sentado à porta da rua, entendia com quem passava e com quem estava pelas janellas, de maneira que ninguem por alli gostava d'elle. O padrinho, porém, não se dava disto e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Gastava ás vezes noites em fazer castellos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma grande fortuna e uma elevada posição, e tratava de estudar os meios que o levassem a esse fim. Eis-qui pouco mais ou menos o fio dos seus raciocinios. Pelo officio do pai... (pensava elle) ganha-se, é verdade, dinheiro quando se tem *geito* porém sempre se ha de dizer: — Ora, é um meirinho!... Nada .. por este lado não... Pelo meu officio... verdade é que eu arranjei-me (ha neste *arranjei-me* uma historia que havemos de contar), porém não o quero fazer escravo dos quatro vintens dos freguezes... Seria talvez bom manda-lo ao estudo... porém para que diabo serve o estudo? Verdade é que elle parece ter boa memoria, e eu podia mais para d'ante manda-lo a Coimbra.... Sim, é verdade... eu tenho aquellas patacas; estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes... mas tambem que diabo se fará elle em Coimbra? Licenciado não; é máo officio; letrado? Era bom... sim letrado... mas não, não; tenho zanga a quem me lida com papeis e deman-

das...Clerigo?.. Um senhor clerigo é muito bom... é uma cousa muito séria... ganha-se muito... póde vir um dia a ser cura. Está dito, ha de ser clerigo... ora, se ha de ser ; hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa.. de o ver prégar na sé,e então hei de mostrar a toda esta gentalha aqui da vizinhança, que não gosta d'elle, que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Elle está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir desasnando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 annos ha de me entrar para escola.

Teudo ruminado por muito tempo esta idéa, um dia de manhã chamou o pequeno e disse-lhe :

— Menino, venha cá, você está ficando um homem (tinha elle 9 annos) ; é preciso que aprenda alguma cousa para vir um dia a ser gente ; de segunda-feira em diaute (estava em quarta-feira) começarei a ensiuar-lhe o b-a, ba. Farte-se de travessuras por este resto da semana.

O menino ouviu este discurso com um ar meio admirado, meio desgostoso, e respondeu :

— Então eu não hei de ir mais ao quintal, niem hei de brincar na porta ?

— Aos domingos, quando voltar-mos da missa...

— Ora, eu não gosto da missa.

O padrinho não gostou da resposta ; não era bom annúncio para quem se destinava ser padre ; mas nem por isso perdeu as esperanças.

O menino tomou bem sentido nestas palavras do padrinho: — Farte-se de travessuras por este resto da semana. — e acreditou que aquillo era uma licença ampla para fazer tudo quanto de bom e de máo lhe lembrasse durante o tempo que ainda lhe restava de folga: Levou, pois, todo o dia em uma desenvoltura assustadora; o padrinho foi achá-lo por duas ou tres vezes a cavallo em cima do muro, que dividia o quintal da casa do vizinho, em grande risco de precipitar-se.

Ao anoitecer, estando sentado á porta da loja, vio ao longe no principio da rua um acompanhamento allumiado pela luz de lanternas e tochas, e ouvió padres a rezarem; estremeceu de alegria e poz-se em pé de um salto. Era a Via-Sacra do Bom-Jesus.

Ha bem pouco tempo que existiam ainda em certas ruas desta cidade cruces negras pregadas pelas paredes de espaço em espaço.

A's quartas feiras e em outros dias da semana sahia do Bom-Jesus e de outras igrejas uma especie de procissão composta de alguns padres, conduzindo cruces, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo em grande quantidade; os padres rezavam e o povo acompanhava a reza. Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos, e oravam durante muito tempo.

Este acto, que satisfazia a devoção dos carolas,

dava pasto e occasião á quanta sorte de zombaria e de immoralidade lembrava aos rapazes daquella época, que são os vellos de hoje, e que tanto clamam contra o derespeito dos moços de agora. Caminhavam elles em charola atrás da procissão, interrompendo a cantoria com dicterios em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes; levavam longos fios de barbante, em cuja extremidade iam penduradas grossas bolas de cêra. Se ia por alli ao seu alcance algum infeliz, a quem os annos tivessem despido a cabeça dos cabellos, collocavam-se em distancia conveniente, e, escondidos, por trás de um ou de outro, arremessavam o projectil que ia bater em cheio sobre a calva do devoto; puxavam rapidamente o barbante, e ninguem podia saber donde tinha partido o golpe. Estas e outras scenas excitavam vozeria e gargalhadas na multidão.

Era a isto que naquelles *devotos* tempos se chamava correr a *Via-Sacra*.

O menino, como já d'ssemos, estremecêra de prazer ao ver approximar-se a procissão. Desceu sorrateiramente a soleira, e sem ser visto pelo padrinho collocou-se unido á parede entre as duas portas da loja, levantando-se nas pontas dos pés para ver mais a seu gosto.

Vinha approximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo de frente da porta; teve elle então um pensamento que

o fez estremecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho : — Farte-se de travessuras — espiou para dentro da loja, vio-o entretido, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão, e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para augmentar a vozeria. Era um prazer febril que elle sentia; e queceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou, e só não fez daquillo o que não estava em suas forças. Fez camaradagem com dous outros meninos do seu tamanho, que tambem iam no rancho, e quando deu accordo de si estava de volta com a Via-Sacra na igreja do Bom-Jesus.

IV

FORTUNA.

Emquanto o compadre, afflicto, procura por toda a parte o menino, sem que ninguém possa dar-lhe novas delle, vamos ver o que é feito do Leonardo, e em que novas alhadas está agora mettido.

Lá para as bandas do mangue da Cidade Nova havia ao pé de um charco uma casa coberta de palha da mais feia apparencia, cuja frente suja e testada enlameada bem denotavam que dentro o o asseio não era muito grande. Compunha-se ella de uma pequena sala e um quarto; toda a mobilia eram dous ou tres assentos de páo, algumas esteiras em um canto, e uma enorme caixa de páo, que tinha muitos empregos; era mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira. Quasi sempre estava essa casa fechada, o que a rodeava de um certo

mysterio. Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo molde mais detestavel; era um caboculo velho, de cara hedionda e immunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fique-se sabendo que este homem tinha por officio *dar fortuna!*

Naquelle tempo acreditava-se muito nestas cousas, e uma sorte de respeito supersticioso era tributado aos que exerciam semelhante profissão. Já se vê que inexgotavel mina não achavam nisso os industriosos!

E não era só a gente do povo que dava credito ás *feiticarias*; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam as vezes comprar venturas e felicidades pelo commodo preço da pratica de algumas immoralidades e superstições.

Pois ao nosso amigo Leonardo tinha-lhe tambem dado na cabeça tomar fortuna, e tinha isso por causa contrariedades que soffria em uns novos amores, que lhe fazia magora andar a cabeça á roda.

Tratava-se de uma cigana. O Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria, e, das cinzas ainda quentes de um amor mal pago, nascera outro que tambem não foi a esse respeito melhor aquinhoado. Mas o homem era romantico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquelle tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o officio rendia, e elle andava sempre apatacado,

não lhe fôra difficil conquistar a posse do adorado objecto ; porém a fidelidade, a unidade no gozo, que era o que sua alma aspirava, isso não o podera conseguir ; a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da saloia. Por toda a parte ha sargentos, collegas e capitães de navio ; a rapariga tinha-lhe já feito umas poucas, e acabava tambem por fugir-lhe de casa. Desta vez porém, como não eram saudades da patria a causa desta fugida, o Leonardo decidira haver de novo e por todos os meios a posse de sua amada. Encontrou-a com pouco trabalho, e, empregando o pranto, as supplicas, as ameaças, porém tudo embalde, decidiu por isso a buscar com meios sobrenaturaes o que os meios humanos lhe não tinham podido dar.

Entregou-se, portanto, em corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do officio. Tinha-se já sujeitado á uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição pecuniaria, e ainda nada havia conseguido ; tinha soffrido fumigações de hervas suffocantes, tragado beberagens de mui enjoativo sabor ; sabia de cór milhares de orações mysteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia ; ia depositar quasi todas as noites em lugares determinados quantias e objectos com o fim de chamar em auxilio, dizia o caboclo, as suas divindades ; e,

apesar de tudo a cigana resistia ao sortilegio. Decidio-se, finalmente, a sujeitar-se á ultima prova, que foi marcada para a meia-noite em ponto na casa que já conhecemos. A' hora aprazada lá se achou o Leonardo; encontrou na porta o nojento nigromante, que não consentio que elle entrasse do modo em que se achava, e obrigou-o a pôr-se primeiro em habitos de Adão no paraizo, cobrio-o depois com um manto immundo que trazia, e só então lhe franqueou entrada.

A sala estava com um apparatus ridiculamente sinistro, que não nos cansaremos em descrever; entre outras cousas, cuja significação só conheciam os iniciados nos mysterios do caboclo, havia no meio uma pequena fogueira.

Começando a cerimonia, o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os angulos da casa, e recitar as orações que já sabia e mais algumas que lhe foram ensinadas na occasião, depois foi orar junto da fogueira. Neste momento sahiram do quarto tres novas figuras, que vieram tomar parte na cerimonia, e começaram então, acompanhando-os o supremo sacerdote, uma dansa sinistra em roda do Leonardo. De repente sentiram bater levemente na porta da parte de fóra, e uma voz descansada dizer:

— Abra a porta.

— O Vidigal! Disseram todos a um tempo, tomados do maior susto.

V.

O VIDIGAL.

O som daquelle voz que dissera:—Abra a porta—lançara entre elles, como dissemos, o êspanto e o medo. E não foi sem razão. Era ella o annuncio de um grande aperto, de que por certo não poderiam escapar. Nesse tempo ainda não estava organisada a policia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendencias e idéas da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o arbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração ; era o juiz que julgava e distribuia a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua immensa alçada não haviam testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo ; elle resumia tudo em si ; a sua *justiça* era infallivel ; não havia appellação

das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia, emfim, uma especie de inquisição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessarios ás idéas do tempo, em verdade não abusava elle muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

Era o Vidigal um homem alto, não muito gordo, com ares de molleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

Uma companhia ordinariamente de granadeiros, ás vezes de outros soldados que elle escolhia nos corpos que haviam na cidade, armados todos de grossas chibatas, commandada pelo major Vidigal, fazia toda a ronda da cidade de noite, e toda a mais policia de dia. Não havia becco nem travessa, rua nem praça, onde não se tivesse passado uma façanha do Sr. major para pilhar um maroto ou dar caça a um vagabundo. A sua sagacidade era proverbial, e por isso só o seu nome incutia grande terror em todos os que não tinham a consciencia muito pura a respeito de falcatruas.

Se no meio da algazarra de um fado rigoroso, em que a decencia e os ouvidos dos vizinhos não

eram muito respeitados, ouvia-se dizer:—Está ahí o Vidigal—mudavam-se repentinamente as scenas; serenava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto sério. Quando algum dos *patuscos* daquelle tempo (que não gozava de grande reputação de activo e trabalhador) era sorprendido de noite de capote sobre os hombros e viola a tiracolo, caminhando em busca de sucia, por uma voz branda que lhe dizia simplesmente:—Venha cá; onde vai?—o unico remedio que tinha era fugir, se pudesse, por que com certeza não escapava por outro meio de alguns dias de cadéa, ou pelo menos *da casa da guarda na sé*; quando não vinha o *covado e meio ds costas*, como consequencia necessaria.

Foi por isso que os nossos magicos e a sua infeliz victima puzeram-se em debandada mal conheceram pela voz quem se achava com elles. Quizeram escapar-se pelos fundos da casa, porém ella estava toda cercada de granadeiros, em cujas mãos se viam a arma de que acima fallámos. A porta abrio-se sem muita resistencia, e o major Vidigal (por que era com effeito elle) com os seus granadeiros achou-os em flagrante delicto de nigromancia; estava ainda acesa a fogueira, e os mais objectos que serviam ao sacrificio.

— O' ! disse elle, por aqui dá-se fortuna...

— Sr. major, pelo amor de Deos.

— Eu tinha desejos de ver como era isso : continuem... sem cerimonia, vamos.

Os infelizes hesitaram um pouco, porém, vendo que resistir seria inutil, começaram de novo as ceremonias, de que os soldados se riam, antevendo talvez qual seria o resultado. O Leonardo estava corrido de vergonha, tanto mais por que o conhecia ; e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua immunda capa. Ajoelhou-se quasi arrastado outra vez no mesmo lugar ; e recommçou a dansa, a que o major assistia de braços cruzados e com ar pachorrento. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dansado sufficientemente, tentaram parar, o major disse brandamente :

— Continuem.

Depois de muito tempo quizeram parar de novo.

— Continuem, disse outra vez o major.

Continuaram por mais meia hora ; passado esse tempo, já muito cansados, tentaram dar fim.

— Ainda não ; continuem.

Continuaram por tempos esquecidos, já estavam que não podiam de estafados ; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da fogueira, quasi que se desfazia em suor. A final o major deu-se por satisfeito, mandou que parassem, e sem se alterar disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada :

— Toca, granadeiros.

A' esta voz todas as chibatas ergueram-se, e ca-

hiram de rijo sobre as costas daquella *honest* gente, fizeram-a dansar, e, sem querer, ainda por algum tempo.

— Pára, disse o major depois de um bom quarto de hora.

Começou então a fazer a cada um sermão, em que se mostrava muito sentido por ter sido obrigado a chegar áquelle excesso, o que terminava sempre por esta pergunta :

— Então você em que se occupa?

Nenhum delles respôndia. O major sorria-se e acrescentava com riso sardonico :

— Está bom!

Chegou a vez do Leonardo.

— Pois homem, você, um official de justiça, que devia dar o exemplo...

— Sr. major, respondeu elle acabrunhado, é o diabo daquella rapariga que me obriga a tudo isto; já não sei de que meios use....

— Você ha de ficar curado! Vamos para a casa da guarda.

Com esta ultima decisão o Leonardo desesperou. Perdoaria de bom grado as chibatadas que levara, comtanto que ellas ficassem em segredo; mas ir para a casa da guarda, e della talvez para a cadeia... isso é que elle não podia tolerar. Rogou ao major que o poupasse; o major foi inflexivel.

Desfez então a vergonha em pragas á maldita cigana que tanto o fazia soffrer.

A casa da guarda era no largo da Sé ; era uma especie de deposito, onde se guardavam os presos que se faziam de noite, para se lhes dar depois conveniente destino. Já se sabe que os amigos de novidades iam por alli de manhã e sabiam com facilidade tudo que se tinha passado na noite antecedente.

Ahi estive o Leonardo o resto da noite e grande parte da manhã, exposto á vistoria dos curiosos. Por infelicidade sua passou por acaso um collega, e, vendo-o, entrou para fallar-lhe, isto quer dizer que dahi a pouco toda a illustre corporação dos meirinhos da cidade sabia do occorrido com o Leonardo. e já se preparava para dar-lhe uma solemne pateada, quando o negocio mudou de aspecto e o Leonardo foi mandado para a cadêa.

Apparentemente os companheiros mostraram-se sentidos, porém secretamente não deixaram de estimar o contratempo, por que o Leonardo era muito afreguezado, e em quanto estava elle preso as partes os procuravam.

VI.

PRIMEIRA NOITE FORA DE CASA.

O compadre, apenas dera por falta do aílhado, vio-se presa da maior afflicção ; poz em alarma toda a vizinhança, procurou, indagou, mas ninguém lhe deu novas nem mandados d'elle. Lembrou-se então da Via-Sacra, e imaginou que o pequeno a teria acompanhado; percorreu todas as ruas por onde passára o acompanhamento, perguntando afflicto a quantos encontrava pelo thesouro precioso de suas esperanças ; chegou sem encontrar vestigio algum até o Bom-Jesus, onde lhe disseram ter visto tres meninos, que por se portarem endiabramente na occasião da entrada da Via-Sagra, o sacristão os corrêra para fôra da igreja.

Foi este o unico signal que pôde colher.

Vagou depois por muito tempo pela rua, e só se

recolheu para a casa, estando já a noite adiantada. Ao chegar á porta de casa abriu-se o postigo de uma rotula contigua, e uma voz de mulher perguntou :

— Então, vizinho, nada ?

— Nada, vizinha, respondeu o compadre com voz desanimada.

— Ora, quando eu lhe digo que aquella criança tem mãos bofes...

— Vizinha, isto não são cousas que se digam...

— Digo-lhe e repito-lhe que tem mãos bofes... Deos permitta que não, mas aquillo não tem boim fim...

— O' ! senhora, repplicou o compadre muito irritado, que tem a senhora com a minha vida e mais das cousas que me pertencem ? Metta-se consigo, cuide nos seus bilros e na sua renda, e deixe a vida alheia.

Entrou depois para casa murmurando :

— Um dia faço aqui uma estralada com esta mulher ; é sempre isto ! Parece um agouro !

Toða a noite levou o pobre homem acordado a pensar nos meios de achar o pequeno ; e depois de ter formado mil planos, disse consigo :

— Em ultimo lugar vou ter com o major Vidigal.

E esperou que o dia voltasse para proseguir em suas pesquisas.

Entretanto vamos satisfazer ao leitor, que ha de

talvez ter curiosidade de saber onde se metteu o pequeno.

Com os emigrados de Portugal veio tambem para o Brasil a praga dos ciganos. gente ociosa e de poucos escrupulos, ganharam elles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos; ninguem que tivesse juizo se mettia com elles em negocio, porque tinha a certeza de levar carôlo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se falla, deixaram-a da outra banda do oceano; para cá só trouxeram mãos habitos, esperteza e velhacaria, e, se não, o nosso Leonardo póde dizer alguma cousa a respeito. Viviam em quasi completa ociosidade; não tinham noite sem festa. Moravam ordinariamente um pouco arredados das ruas populares, e viviam em plena liberdade. As mulheres trajavam com certo luxo relativo aos seus haveres; usavam muito de rendas e fitas; davam preferencia a tudo quanto era encarnado, e nenhuma dellas dispensava, pelo menos, um cordão de ouro ao pescoço; os homens não tinham outra distincção mais do que alguns traços physionomicos particulares que os faziam conhecidos.

Os dous meninos com quem o pequeno fugitivo travara amizade pertenciam á uma familia dessa gente que morava no largo do Rocio, lugar que tinha por isso até algum tempo o nome de campos Ciganos. Tinham esses meninos, como disse-

mos, pouco mais ou menos a mesma idade que elle ; porém acostumados à vida vagabunda, conheciam toda a cidade, e a percorriam sós, sem que isso causasse cuidado a seus pais ; nunca faltavam a acompanhamento de Via-Sacra, nem a outra qualquer cousa desse genero. Encontrando-se nessa noite, como já sabem os leitores, com o nosso futuro clérigo, a elle se associaram, e o carregaram para a casa de seus pais, onde, como de costume, havia festa de ciganos, (e este costume ainda hoje se conserva) ; faziam, dissemos, festa todos os dias, porém motivavam-a sempre. Hoje era um baptizado, amanhã um casamento, agora annos deste, logo annos daquelle, festa deste, festa daquelle santo. Na noite de que tratamos havia um oratorio armado e festejava-se um santo de sua devoção ; não lhe sabemos o nome.

Pelo caminho o menino teve alguns escrúpulos e quiz voltar, porém os outros tal pintura lhe fizeram do que elle ia ver se os acompanhasse, que dicio-se a segui-los até onde quizessem.

Chegaram, enfim, á casa onde já tinha começado a festa.

Ao lado esquerdo da sala estava o oratorio illuminado por algumas pequenas velas de cêra, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca, servia-lhe de espaldar uma colcha de chita com folhos. Em roda da sala estavam collocados assen-

tos de toda a natureza, bancos, cadeiras, etc., onde se assentavam os convidados. Não eram estes em pequeno numero, eram ciganos e gente do paiz ; traziam *toilettes* de toda a casta, do soffivel para baixo ; mostravam-se alegres e dispostos a aproveitarem bem a noite.

Os meninos entraram sem que alguém reparasse nelles, e foram collocar-se perto do oratorio.

Dahi a pouco começou o fado.

Todos sabem o que é fado, essa-dansa tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que instrumento algum para o effeito.

O fado tem diversas fórmas, cada qual mais original. Ora, uma só pessoa, homem ou mulher, dança no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais difficultosos, tomando as mais airozas posições, acompanhando tudo isso, com estalos que dá com os dedos, e vai depois pouco e pouco approximando-se de qualquer que lhe agrada ; faz-lhe diante algumas negaças e vira-voltas, e, finalmente, bate palmas, o que quer dizer que a escolheu para substituir o seu lugar.

Assim corre toda a roda até que todos tenham dansado.

Outras vezes um homem e uma mulher dansam juntos ; seguindo com a maior certeza o compasso da musica, ora acompanham-se a passos lentos,

ora apressados, depois repellem-se, depois juntam-se; o homem ás vezes busca a mulher com passos ligeiros, enquanto ella, fazendo um pequeno movimento com o corpo e com os braços, recúa vagarosamente, outras vezes é ella quem procura o homem, que recúa por seu turno, até que enfim acompanham-se de novo.

Ha tambem a roda em que dansam muitas pessoas, interrompendo certos compassos com palmas e com um sapateado as vezes estrondoso e prolongado, ás vezes mais brando e mais breve, porém sempre igual e a um só tempo.

Além destas ha ainda outras fórmãs de que não fallámos. A musica é differente para cada uma, porém sempre tocada em viola. Muitas vezes o tocador canta em certos compassos uma cantiga ás vezes de pensamento verdadeiramente poetico.

Quando o fado começa custa a acabar; termina sempre pela madrugada, quando não leva de enfiada dias e noites seguidas e inteiras.

O menino, esquecido de tudo pelo prazer, assistio á festa em quanto pôde; depois chegou-lhe o somno, e reunindo-se com os companheiros em um canto, adormeceram todos embalados pela viola e pelo sapateado.

Quando amanheceu acordou sarapantado; chamou um dos companheiros, e pediu que o levasse para casa.

O padrinho ia sahindo para começar nas pesquisas, quando esbarrou com elle.

— Menino dos trezentos.... onde te metteste tu?...

— Fui ver um oratorio.... Não diz que eu hei de ser padre?!..

O padrinho olhou-o por muito tempo, e afinal, não podendo resistir ao ar de *ingenuidade* que elle mostrava, desatou a rir, e levou-o para dentro já completamente apaziguado.

VII.

A COMADRE.

Cumpre-nos agora dizer alguma cousa a respeito de uma personagem, que representará no correr desta historia um importante papel, e que o leitor apenas conhece, porque nella tocámos de passagem no primeiro capitulo : é a comadre, a parteira que, como dissemos, servira de madrinha ao nosso memorando.

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonanchona, ingenua ou tola até um certo ponto, e finoria até outro ; vivia do officio de parteira, que adoptara por curiosidade, e benzia de quebranto ; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exacta de todas as festas religiosas que aqui se faziam ; sabia de cór os dias em que se

dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual á ladainha, ao terço, á novena, ao septenario ; não lhe escapava Via-Sacra, procissão, nem sermão ; trazia o tempo habilmente distribuido e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar á igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa ; apenas acabava ia á das 8 na sé, e dahi sahindo pilhava ainda a das 9 em Santo Antonio. O seu trajo habitual era, como o de todas as mulheres da sua condição e esphera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engommado ao pescoço, outro na cabeça, um rosario pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma classica mantilha, junto á renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. Nos dias duplices, em vez de lenço á cabeça, o cabello era penteado e seguro por um enorme pente cravejado de chrysolithas.

Este uso da mantilha era um arremedo do uso hespanhol ; porém a mantilha hespanhola, temos ouvido dizer, é uma cousa poetica que reveste as mulheres de um certo mysterio, e que lhes realça a belleza ; a mantilha das nossas mulheres, não ; era a cousa mais prosaica que se póde imaginar, especialmente quando as que as traziam eram baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa

religiosa (que eram as mais frequentadas então) tomava um aspecto lugubre logo que a igreja se enchia daquelles vultos negros, que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento.

Mas a mantilha era o trajo mais conveniente aos costumes da época ; sendo as acções dos outros o principal cuidado de quasi todos, era muito necessario ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rotulas para as casas, eram o observatorio da vida alheia. Muito agitada e cheia de accidentes era a vida que levava a comadre, de parteira, beata e curandeira de quebranto ; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. Assim não procurava o Leonardo muitas vezes ; havia muito tempo que não sabia noticia delle, nem da Maria, nem do afilhado, quando um dia na sé ouviu entre duas beatas de mantilha a seguinte conversa :

— E' o que lhe digo : a saloiasinha era da pelle do tihoso !

— E parecia uma santinha... e o Leonardo o que lhe fez ?

— Ora, desancou-a de murros, e foi o que fez com que ella abalasse mais depressa com o capitação... pois olhe, não teve razão ; o Leonardo é um

rapagão; ganhava boas patacas, e tratava della como de uma senhora!...

— E o filho... que assim mesmo pequeno era um malcriado...

— O padrinho tomou conta delle; quer-lhe um bem extraordinario... está maluco o coitado do homem, diz que o menino ha de por força ser padre... mas qual padre, se elle é um endiabrado!...

Nesta occasião levanta-se a Deos, e as duas beatas interromperam a conversa para bater nos peitos.

Era uma dellas a vizinha do compadre, que prognosticava máo fini ao menino, e com quem elle promettera fazer uma estralada; a outra era uma das que tinham estado na funcção do baptizado.

A comadre apenas ouviu isto, foi procurar o compadre; não se pense porém que a levava a isso outro interesse que não fosse a curiosidade, queria saber o caso com todos os menores detalhes; isso lhe dava longa materia para a conversa na igreja, e para entreter as parturientes que se confiavam aos seus cuidados. Entrou pela loja do barbeiro; e, apenas o avistou, foi-lhe dizendo:

— Então, com que a tal comadre pregou-nos o mono? Veja o que são doudices; fazer aquillo ao Leonardo, um homem que não é mal arranjado... filho do reino...

— Apertara-lhe as saudades da terra, disse o compadre com sorriso maligno.

— Apertada se veja ella entre as unhas do tinholoso! Olhem que joiasinha... E você, mestre, ficou com a carga ás costas...

— Carga, não... eu quero-lhe bem, elle é socegadinho...

Começou então um interrogatorio minucioso ácerca do que tinha succedido em casa do Leonardo; e os dous, compadre e comadre, desabafaram a seu gosto. Depois o compadre narrou, mesmo sem ser interrogado, todas as gentilezas do afilhado, e contou suas intenções a respeito delle. A comadre não concordou com ellas (o que nada agradou ao compadre), não via o menino com geito para padre; achava melhor mette-lo na Conceição a aprender um officio. O compadre, porém, persistio em seus intentos, que tinha muita esperança de ver realizados. Afinal a comadre retirou-se.

Pelo caminho foi repetindo o que acabara de saber a quanto conhecido encontrou, sem escrupulizar muito em acrescentar mais uma ou outra circumstancia com que carregava as côres do quadro.

Entretanto o compadre applicava-se a trabalhar na realização de seus intentos, e começou por ensinar o A B C ao menino; porém, por primeira contrariedade, este impacou no F, e nada o fazia passar adiante.

A comadre continuou a apparecer dahi em diante por um motivo que mais tarde se saberá.

Por agora vamos continuar a contar o que era feito do Leonardo.

VIII.

O PATEO DOS BICHOS.

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa historia se chamava palacio d'el-rei, uma saleta ou quarto que os gaiatos e o povo denominavam—*O Pateo dos Bichos*. Este appellido lhe fôra dado em consequencia do fim para que então servia; passavam alli todos os dias do anno tres ou quatro officiaes superiores, velhos, incapazes para a guerra e inuteis na paz, que o rei tinha a seu serviço, não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo, ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço. Bem poucas vezes havia occasião de serem elles chamados por ordem real para qualquer cousa, e todo o tempo passavam em santo ocio, ora mudos e silenciosos, ora conversando sobre cousas do seu

tempo, e censurando as do que com razão já não suppunham seu, porque nenhum delles era menor de 60 annos. A's vezes acontecia adormecerem todos ao mesmo tempo, e então com a resonancia de suas respirações, passando pelos narizes atabacados, entoavam um quarteto, pedaço impagavel, que os officiaes e soldados que estavam de guarda, criados e mais pessoas que passavam, vinham apreciar á porta. Eram os pobres homens muitas vezes victimas de caçoadás, que naquelle tempo de poucas preocupações eram o objecto de estudo de muita gente.

A's vezes qualquer que os pilhava dormindo chegava á porta e gritava :

— Sr. tenente-coronel, el-rei procura por V. S.

Qualquer delles acordava espantado, tomava o chapéo armado, punha o talim, acontecendo ás vezes com a pressa ficar o chapéo torto ou a espada do lado direito, e lá corria a ter com el-rei.

— A's vossas ordens, real senhor, dizia ainda bocejando.

O rei, que percebia o negocio, desatava a rir e mandava embora.

Quando chegava o pobre homem abaixo, ia cada um dos que por allí se achavam indagar, o mais seriamente que era possivel, qual tinha sido o objecto do chamado d'el-rei.

Faziam-lhes destas e de outras, mas dahi a pouco deixavam-se elles enganar de novo.

Vamos fazer o leitor tomar conhecimento com um desses *activos* militares, que entra tambem na nossa historia.

Era velho como seus companheiros, porém de certo por elle não é que tinha vindo ao quarto o appellido que lhe davam; suas feições quebradas pela idade tinham ainda certa regularidade de contorno, que bem denotava que seu tempo de rapaz não fôra a respeito de belleza mal favorecido; de seus cabellos, que o tempo levava, restavam apenas, orlando-lhe as temporas e a nuca alguns anneis crespos e prateados, sua calva era nobre e imponente. Fôra valente; ganhara por seus feitos as dragonas de tenente-coronel; era filho de Portugal, e acompanhara el-rei na sua vinda ao Brasil.

Estas qualidades, porém, não lhe serviam de salva-guarda. e soffria como os outros as caçadas dos gaiatos.

Assim um dia que uma mulher de mantilha o foi procurar, e se poz com elle a conversar por algum tempo em particular, passavam uns e outros, escarravam junto da porta, ou deixavam escapar uma ou outra chalaça analoga.

— Amores velhos nunca se esquecem, dizia um.

— Bravo! Gosto do bom gosto, dizia outro.

A mulher de mantilha é nossa conhecida,

porque nem mais nem menos é a comadre; e o negocio que ahi a levou tambem nos interessa, pois que se trata da soltura do pobre Leonardo. Ouça, portanto, o leitor a conversa dos dous.

— Sr. tenente-coronel, disse a comadre ao chegar, venho me valer de V. S. : meu compadre Leonardo está na cadêa.

— O Leonardo?! Mas então porque?

— Ora! maluquices!

E chegando-se ao ouvido do velho, contou-lhe a comadre baixinho a causa da prisão do Leonardo.

O velho desatou a rir.

— Bem pregado!... Disse.

— Agora eu queria que V. S. fizesse o favor de fallar por elle ao Sr. major Vidigal, que foi quem o prendeu... coitado do homem : e uma vergonha; mas tambem elle não se emenda!

E proseguindo, a comadre contou muito em segredo, como já o tinha feito a todos os seus conhecidos, toda a historia dos infelizes amores do Leonardo com a Maria, todas as diabruras do menino que ella deixara, e de que o padrinho tomara conta; passou depois a relatar todo o occorrido com a cigana, e voltou de novo á historia da prisão, que contou e recontou vinte vezes, sem lhe escapar a mais pequenina circumstancia. No fim tornou a fazer o seu pedido, a que o velho prometteu satisfazer, e então sahio ella, recebendo

no saguão muitos cumprimentos e sorrisos maliciosos. Na porta por onde sahio estava encostado um cadete que lhe disse :

— Estimo que fosse feliz ; no dia do baptizado não se esqueça da gente.

— Arre nego ! Foi a unica resposta que ella deu, e passou.

Como o velho ténente-coronel conhecia a comadre e o Leonardo, e porque se interessava por elle, o leitor saberá mais para diante.

Esse conhecimento era antigo, e o Leonardo apenasse achou na cadêa, lembrou-se da protecção que o velho lhe podia prestar em semelhante aperto ; mandou por um collega chamar a comadre, e a encarregou da missão de ir ter com elle, missão que ella aceitou de bom grado, e que desempenhou, segundo vimos, satisfactoriamente.

O velho, apenas a comadre sahio, tomou o chapéo armado, poz a espada á cinta e sahio, depois de ter contado aos companheiros o que succede a quem vai tomar fortuna. Um delles, que era credulo até ao enthusiasmo a respeito de feitiçarias, ficou muito indignado com o caso, e prometeu tambem empenhar-se pelo Leonardo.

Já vê, pois, o leitor que o negocio não estava mal parado, e em breve saberá o resultado de tudo isto.

IX.

O — ARRANJEI-ME — DO COMPADRE.

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera, quando estava a fazer castellos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo officio que exercia, isto é, daquelle *arranjei-me*, cuja explicação promettemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua historia reduzia-se a bem pouco. Quando chegara a idade de dar accordo da vida, achou-se em casa de um barbeiro que d'elle cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tão pouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Tambem

nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio á curiosidade indaga-lo.

Esse homem ensinara-lhe o officio, e por inaudito milagre tambem a ler e a escrever. Emquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do famulo, por outro com a do filho, por outro com a do aggregado, e que afinal não era senão vida de engeitado, que o leitor sem duvida já adivinhou que elle o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por elle tinha já feito.

Quando passou de menino a rapaz, e chegou a saber barbear e sangrar soffrivelmente, foi obrigado a manter-se á sua custa e a pagar a morada com os *ganchos* que fazia, porque o producto do mais trabalho pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se a isso. Porém queriam ainda mais : exigiam que continuasse a empregar-se no serviço domestico. Lavrou-lhe então n'alma um arrepio de dignidade; já era official, e não queria rebaixar o seu officio. Virou mareta, fez-se duro, e safou-se de casa sem escrupulos nem romorsos, pois bem sabia que estavam saldas as contas [de parte a parte. Tinham-o criado; elle tinha servido. Tambem não encontrou grande resistencia á sua deliberação.

Apenas passou o primeiro impeto e teve tempo de reflexionar, quasi que começou a arrepender-se

por não saber qual o meio de achar arranjo. Viu-se na rua, sem saber para onde ir, tendo por unica fortuna uma bacia de barbear em baixo do braço, um par de navalhas e outro de lancetas na algibeira. Verdade é que quem tinha comsigo estes trastes estava com as armas e uniforme do officio; porém isso não bastava; o pobre rapaz estava em apertos.

Passou a primeira noite em casa de um collega, e no dia seguinte ao amanhecer, tomando os seus apetrechos, sahio em busca de que fazer para aquelle dia, e de destino para os mais que se iam seguir.

Achou ambas as cousas: uma trouxe a outra.

No largo do Paço um marujo, que estava sentado em uma pedra junto ao mar, chamou-o para que lhe fizesse a barba; mãos á obra, que já naquelle dia não morria de fome.

Todo o barbeiro é tagarella, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou por tanto a puxar conversa com o freguez. Foi à sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e occupava-se no commercio de negros; era um dos combois que traziam fornecimento para o Vallongo, e estava prompto a largar.

—O' mestre! Disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu tambem sangro....

— Pois olhe, você estava bem bom, se quizesse ir comnosco, para curar a gente a bordo; morreu alli que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo *muito*...

— Pois já não disse que sabe tambem sangrar?

— Sim.....

— Então já sabe até demais.

No dia seguinte sahio o nosso homem pela barra fóra; a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabe-lo aproveitar; de official de barbeiro dava um salto mortal a *medico* de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dous marinheiros; chamou-se o *medico*; elle fez tudo que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isso ganhou immensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças á lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para augmentar-lhe a solida reputação de entendedor do riscado.

Poucos dias antes de chegar ao Rio o capitão do navio adoeceu; a principio nem elle, nem alguem

teve a menor duvida de que ficaria bom logo depois da primeira sangria; porém repentinamente o negocio complicou-se, e nem com a terceira e quarta se pôde conseguir cousa alguma. No fim do quarto dia convenceram-se todos, e o proprio doente capitão, de que estava chegada a sua hora. Nem por isso porém inculparam o nosso homem.

—Alli não ha sangria que o salve, diziam; chegou a sua vez de dar á costa.... ha de ir.

O capitão teve de fazer suas ultimas disposições, e, como dissemos, tendo o *medico* grangeado grande amizade e confiança, foi escolhido para desempenha-las.

O capitão chamou-o de parte, e em segredo lhe fez entrega de uma cinta de ouro e uma caixa de páo pejadas de um bom par de doblas em ouro e prata, pedindo que fielmente as fosse entregar, apenas chegasse á terra, á una filha sua, cuja moradá lhe indicou. Além deste dinheiro encarregou-o tambem de receber a soldada daquella viagem e lhe dar o mesmo destino. Eram estas suas unicas e ultimas vontades que o encarregava de cumprir, declarando-lhe que lá do outro mundo o espiaria para ver como cuidava disso.

Poucas horas depois espirou.

Desse dia em diante nem um só doente escapou mais, porque o *medico* já não sangrava tanto; an-

dava preocupado, distraído, e assim levou até chegar á terra.

Apenas saltou, declarou que não se tinha dado bem, e que não embarcaria mais.

Quanto ás ordens do capitão.... historias; quem é que lhe havia de vir tomar contas disso? Ninguém vio o que se passou; de nada se sabia. Os unicos que podiam ter desconfiado e fazer alguma cousa eram os marinheiros; porém estes partiram em breve de novo para a Costa.

O compadre decidio-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez.

Eis aqui como se explica o *arranjei-me*, e como se explicam muitos outros que vão ahí pelo mundo.

X.

EXPLICAÇÕES.

O velho tenente-coronel, apesar de virtuoso e bom, não deixava de ter na consciencia um soffri-vel par de peccados, desses que se chamam da carne, e que não hão de ser levados em conta, não de hoje, que a idade o tornara inoffensivo, porém do tempo de sua mocidade: o resultado de um delles fôra um filho que deixara em Lisboa, fructo de um derradeiro amor que tivera aos 36 annos. Por castigo em nada havia elle sahido ao pai, e nem os conselhos, nem os cuidados e nem o exemplo deste puderam encaminha-lo por boa vereda. Aos 20 annos, tendo sentado praça, era um cadete desordeiro, jogador e o mais insubordinado do seu regimento. Bastantes vergonhas custara ao pobre pai, que cuidadoso procurava sempre por todos os

meios encobrir-lhe os defeitos e remediar as gentilezas que fazia, já pagando por elle dividas de jogo, já atabafando-lhe as desordens e curando com ouro as brechas que elle fazia na cabeça de seus adversarios. Houve, porém, uma que as circumstancias e mesmo a natureza do caso não permitiram que tivesse remedio. Poucos dias antes de embarcar para o Brasil em companhia d'elrei, estando o infeliz pai em preparativos de viagem, vio entrar-lhe pela porta a dentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha, vestida, segundo o costume das mulheres da baixa classe do paiz, com uma saia de ganga azul por cima de um vestido de chita, um lenço branco dobrado triangularmente posto sobre a cabeça e preso em baixo do queixo, e uns grossos sapatos nos pés. Parecia presa de grande agitação e de raiva ; seus olhos pequenos e azues faiscavam de dentro das orbitas afundadas pela idade, suas faces estavam rubras e reluzentes, seus labios franzinos e franzidos apertavam-se violentamente um contra o outro, como prendendo uma torrente de injurias, e tornando mais sensivel ainda seu queixo pontudo e um pouco revirado.

Apenas se achou ella em frente do capitão (era este o posto que tinha nesse tempo o velho) foi-se chegando para elle com ar resolute e enfurecido. O capitão recuou instinctivamente um passo.

— Ah ! Sr. capitão, disse ella por fim pondo as mãos nas cadeiras, chegando a boca muito perto do rosto d'elle e abanando raivosa a cabeça : olhe que isto assim não vai direito ; faz-me andar a cabeça á roda... põe-me os miolos a ferver... e eu estouro... já viu !

— Mas o que ha então, mulher ?... Eu não lhe conheço.....

— Não quero cá saber de nada... Já lhe disse que isto não vai bem... e eu estouro ..

— Mas por que ?... O que é que tem ?... E' preciso que você diga...

— Não tenho nada que dizer..... Estouro, já lhe disse, Sr. capitão !...

— Pois estoure com trezentos diabos ! Mas ao menos diga pelo que é que estoura.

— Não tenho nada que dizer... já lhe disse... isto põe a cabeça da gente como uma cebola podre, não tem lugar nenhum... Ir-me por lá com ares de santarrão comprar fructas....

— Quem, mulher de Deos ? Você não se explicará ?

— Qual explicar, nem meio explicar ! Pois então. por ser cá a gente uma mulher velha, que já perdeu os achegos ao mundo, e ella uma pobre rapariga tôla e bisbilhoteira, com vontade de saber de tudo, vir-me cá a mim pregar o mono na bo-

checha, e a ella em lugar ainda mais melindroso.....

— Mas quem é que pregou monos a você, mas a ella ? E quem é ella ?

— Faz-se de novo ! Continuou a mulher exasperando-se ; pois o Sr. capitão já não tinha consentido no casamento ?...

— Que casamento ? Com quem ?...

— Ai, ai, ai, que cá me anda a cabeça como uma nora solta... Pois o Sr. capitão não sabe que tem um filho ?...

— Sim, sei, respondeu este começando a descobrir o mysterio.

— E não sabe que elle é um pedaço de um mariola !...

A isto o capitão podia, porém não se animou a responder affirmativamente, e perguntou sómente:

— E que mais ?...

— E não sabe tambem que eu tenho uma filha que trouxe do Lumiar, a Mariazinha ?

— Como, se eu nem a conheço ?...

— Pois é uma rapariga muito capaz... e o diabo do tal cadete do seu filho andou por lá a entender com ella muito tempo; namoro para cá, namoro para lá, presentes daqui, promessas dacolá... e afinal de contas... braz !... E então que lhe parece ?

O capitão foi ás nuvens.

— Até lhe prometeu casamento, dizendo que o

Sr. capitão consentia... Ora eu bem sei que ella tambem teve sua culpa... mas eu desculpo isso, por que tambem já fui rapariga... e sei que quando começa cá o diabo no corpo, adeos! Mas isto põe a gente tonta, por que... enfim a rapariga podia vir a fazer fortuna.

O capitão tinha comprehendido tudo, e por mais algumas explicações que se seguiram, vio-se reduzido ao maior aperto. Desta vez a diabrura do rapaz era irremediavel. A mulher tinha toda a razão; porém casar seu filho com a filha de uma collareija... isso não poderia ser; além de que nada tinha que deixar ao filho, e só com o soldo de cadete não poderia sustentar mulher e casa, restando além disso a duvida se elle estaria ou não pelos autos...

Despedio a velha, não sem lhe prometter que providenciaria sobre o caso.

— Olhe, veja lá, disse ella ao sahir; se o negocio não se arranja, eu estouro!

O pobre homem ficou nos apuros; foi ter com a offendida, e procurou, offerecendo-lhe alguma cousa para seu dote, obter que ella se calasse, e que desistisse de suas pretensões; esta quiz a principio recusar, porém a mãe aconselhou-a que aceitasse, sem duvida com medo de estourar. Deste modo ficou o caso um *pouco* r mediado, posto que a consciencia do capitão, que era de homem

de honra, não ficara de modo algum satisfeita. O tempo porém não dava lugar a mais ; era chegado o momento de acompanhar a el-rei, e elle partio, deixando o filho recommendado a quantos amigos tinha. Decorreram os annos, e quando menos esperava soube elle que se achava no Rio de Janeiro em companhia do Leonardo a tal Mariazinha, que então já era a Maria que os leitores bem conhecem. Procurou fazer o que pudesse por ella para satisfazer todos os seus escrupulos de pai honrado, porém quiz faze-lo occultamente. Foi ter com a comadre, a quem já conhecia, e a encarregou de o avisar apenas sentisse que a Maria soffria qualquer necessidade. Nunca, porém, teve occasião de exercer a sua boa vontade directamente para com ella. Apenas tinha feito ao Leonardo um pequeno favor em occasião em que este se achava embaraçado por causa de uma irregularidade em uns autos que se lhe attribuia, e que a comadre o aconselhou de procura-lo mesmo sem o conhecer, a titulo de que era muito bom homem e amigo de servir a todos.

Eis-aqui porque o Leonardo se dirigio no seu segundo apuro ao velho tenente-coronel por intermedio da comadre, e porque este prometteu empenhar-se por elle, o que com effeito tratou de cumprir.

Como dissemos, apenas a comadre sahio, sahio

elle tambem, e foi tratar de pôr o Leonardo na rua. Dirigio-se primeiro á cadêa para colher do proprio Leonardo todas as informações, e então pôde ver que as que lhe tinha dado a comadre eram exactissimas, e que ella não deixara escapar a menor circumstancia. O Leonardo repetio e confessou tudo o que elle já sabia, corrido de embaraço e de vergonha; e ao despedir-se, o velho :

— Sr. tenente-coronel, disse-lhe elle, V. S. já me livrou de uma que não era culpa minha; livre-me desta tambem.... olhe que está compromettida a minha honra....

O Leonardo esquecia-se da theoria da Maria.

— A honra não, respondeu o velho, o que está compromettido é o seu juizo; hão de dizer (e eu sou o primeiro) que você está doudo.

— Fugi de uma saloia e fui cahir em uma cigana.... tem razão !...

O velho sahio sorrindo-se. Dahi dirigio-se á casa de um seu amigo, fidalgo de valimento, para delle obter a soltura do Leonardo. Morava elle em uma das ruas mais estreitas da cidade, em um sobrado de sacada de rotulas de páo com pequenos postigos, que se abriam ás furtadellas, sem que ninguem de fóra pudesse ver quem a elles chegava.

A poeira amontoada nos cordões da rotola e as paredes encardidas pelo tempo davam á casa um

aspecto triste no exterior ; quanto ao interior, andava pelo mesmo consequente. A sala era pequena e baixa; a mobilia que a guarnecia era toda de jacarandá e feita no gosto antigo ; todas as peças eram enormes e pesadas ; as cadeiras e o canapé, de pés arcados e espaldares alti-simos, tinham os assentos de couro, que era a moda da transição entre o estofó e a palhinha. Quem quizer ter idéa exacta destes moveis procure no consistorio de alguma irmandade antiga, onde temos visto alguns delles.

As paredes eram ornadas por uma duzia de quadros, ou antes de caixas de vidro que deixavam ver em seu interior paisagens e flores feitas de conchinhas de todas as côres, que não eram totalmente feias, porém que não tinham de certo o subido valor que se lhes dava naquelle tempo. A direita da sala havia sobre uma mesa um enorme oratorio no mesmo gosto da mobilia.

Havia, finalmente, em um canto uma palma benta, destas que se distribuem em domingo de ramos ; e se o leitor agora suppozer tudo isto coberto por uma densa camada de poeira, terá idéa perfeita do lugar em que foi recebido o velho tenente-coronel, que era pouco mais ou menos semelhante em todas as casas ricas de então, e por isso nos demorámos em descrevê-lo.

Sem se fazer esperar muito, appareceu o dono

da casa : era um homem já velho e de cara um pouco ingrata ; vinha de tamancos, sem meias, em mangas de camisa, com um capote de lã de xadrez sobre os hombros, caixa de rapé e lenço encarnado na mão.

Em poucas palavras o velho expoz-lhe o caso e lhe pediu que fosse fallar a el-rei em favor de Leonardo.

A principio oppoz elle algumas duvidas, dizendo :

— Homem, pois eu hei de ir a palacio por causa de um meirinho ? El-rei ha de rir-se do meu afilhado.

Afinal, porém, teve de ceder ás instancias da amizade, e prometteu tudo. O velho sahio satisfeito e foi levar a nova ao Leonardo, que pulou de contente. Poucos dias depois chegou a ordem de soltura, e elle foi posto na rua. Acreditara que tinha acabado de passar pelo peor dos supplicios, porém insupportaveis torturas começaram para elle no dia em que sahio da cadêa ; a mófa, o escarneo, o riso dos companheiros seguio-o por muitos dias, incessante e martyrisador.

XI.

PROGRESSO E ATRASO.

Dadas as explicações do capítulo precedente, voltemos ao nosso memorando, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemô-nos a dar ao leitor uma boa noticia : o menino desempacara do *F*, e já se achava no *P*, onde por uma infelicidade empacou de novo. O padrinho anda contentissimo com este progresso, e vê clarear-se o horizonte de suas esperanças ; declara positivamente que nunca viu menino de melhor memoria do que o afilhado, e cada lição que este dá sabida de quatro em quatro dias pelo menos é para elle um triumpho. Ha porém uma cotisa que o entristece no meio de tudo ; o menino tem para a reza, e em geral para tudo quanto diz respeito á religião, uma aversão decidida ; não é capaz de fazer o pelo-signal da

esquerda para a direita, fa-lo sempre da direita para a esquerda, e não foi possível ao padrinho, apesar de toda a paciência e boa vontade, faze-lo repetir de cór sem errar ao menos a metade do padre-nosso ; em vez de dizer:—Venha a nós o vosso reino — diz sempre:—Venha a nós o pão nosso. — Ir á missa ou ao sermão é para elle o maior de todos os supplicios, isto faz que o padrinho desespere ás vèzes, e até chegue a concordar com a comadre em que o menino não tem geito para clerigo ; porém são nuvens passageiras ; sempre ha isto ou aquillo que faz renascer todas as esperanças, e o homem caminha animado na sua obra.

O que elle, porém, esperava não esperavam todos, e ninguem via no menino senão um futuro peralta da primeira grandeza; quem mais contava com isso era a vizinha do barbeiro, aquella a quem elle chamava o agouro do pequeno. Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamam de faca e calhão, valentona, presumpçosa, e que se gabava de não ter papas na lingua : era viuva, e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defunto. Serrazina e amiga de contrariar, não perdia occasião de desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afillhado, declarando que não lhe via geito para cousa nenhuma, que não queria para cousa que lhe pertencesse o fim que

elle havia ter, e que quando elle crescesse o melhor remedio era dar-lhe com os ossos a bordo de um navio ou por-lhe o covado e meio ás costas. O barbeiro desesperavã com isso; por muito tempo conseguiu conter-se, porém um dia não pôde mais, e disparatou com a sujeita. Chegando por acaso á porta da loja, a vizinha, que estava á janella, disse-lhe em tom de zombaria :

— Então, vizinho, como vai o seu reverendo ?

Um velho que morava defronte, e que tambem se achava á janella, desatou a rir com a pergunta.

O compadre foi ás nuvens, avermelhou-se-lhe a calva, franzió a testa, porém fez que não tinha ouvido. A vizinha poz-se tambem a rir, percebendo o cavaco, e acrescentou :

— Padre amigo do fado... tem que ver... Quando vai elle outra vez á casa dos ciganos?...

O velho defronte redobrou a risada. A vizinha continuou :

— Então elle já encarrilha o padre-nosso?

O compadre exasperou-se completamente; e estudando uma injuria bem grande para responder, disse afinal :

— Já... já... senhora intromettida com a vida alheia... já sabe o padre-nosso, e eu o faço rezar todas as noites um pelo seu defunto marido, que está a esta hora dando çouces no inferno!...

— Heim?... O que é que você diz, senhor raspa-

barbas? Você mette terceiros na conversa? Disse a vizinha encrespando-se; olhe que esse de quem você falla nunca foi sangrador, nem viveu de aparas de cabellos... Não se metta comigo que hei de lhe dizer das ultimas e pôr os podres na rua... Couces no inferno!!! Ora dá-se? Um santo homem... Couces no inferno.... Pois agora saiba, porque eu cá não tenho papas na lingua, que o tal seu afilhado das duzias é um pedaço de um malcriadão muito grande, que ha de deshonrar as barbas de quem o criou... E não tem que ver, porque elle é de má raça... já ouviu? Não se metta comigo...

— E você, respondeu o compadre em quanto a vizinha tomava folego, porque se mette com o que não é da sua repartição?

Ella proseguio :

— Hei de me metter; não é da sua conta, nem venha cá dar regras, que eu não preciso de você...

— Mas o que tem você que entender com uma criança innocente que nunca lhe fez mal?...

— Tenho muito, porque não me deixa parar os telhados com pedras, faz-me caretas quando me vê na janella, e trata-me como se fosse alguma saloia ou mulher de barbeiro... Digo-lhe e repito-lhe... aquillo tem mãos bofes, e não ha de ter bom fim....

— Está bom, senhora, respondeu o compadre que tinha bom genio, e que só fôra levado áquelle

excesso pelo amor do afillhado; basta de resingas, olhe a vizinhança.

—Ora, tomara a vizinhança ver-se livre do tal diabo.....

O menino chegou nessa occasião á porta, e pondo-se na ponta dos pés, esticando o pescoço, e abandonando-o como a vizinha e imitando-lhe a voz, repetio :

—Ver-se livre do tal diabo...

O compadre achou tanta graça, que deu-se por vingado, e desatou a rir por seu turno.

—Ah! disse a vizinha, agradece a boa vontade, meu diabo em figura de menino; tu não tens a culpa; a culpa tem quem te dá ousadias.

—A culpa tem quem te dá ousadias... repetio o menino arremedando.

O compadre ria-se a perder.

A vizinha desesperada bateu com o postigo e recolheu-se, porém por muito tempo fallou em voz alta, de maneira que toda a vizinhança ouvia, dizendo quanto improperio lhe veio á cabeça contra o barbeiro e o menino.

—O pequeno encheu-me as medidas, disse este comsigo, vingou-me desta; agora falta-me aquelle velho de defronte, que tambem a acompanhou na risota; mas não faltará occasião.

Esqueceu-nos dizer que o barbeiro, apesar de ter sabido, pouco se importara com a prisão do

Leonardo, e referindo-se á causa da infelicidade deste, dissera apenas :

— E' bem feito, para elle não se deixar arrastar para toda a parte, agarrado emquanto rabo de saia lhe apparece.

Nem foi a cadêa visita-lo, nem levar-lhe o filho para tomar a benção, o que a comadre muito reprovou quando soube.

O velho tenente-coronel, depois de ter posto na rua o Leonardo, informado miudamente, como sabe o leitor, pela comadre do destino da Maria, decidiu tomar o menino sob sua protecção, e acreditou que, se conseguisse felicita-lo, lavaria seu filho do péccado de ter deshonrado a Maria. Por intermedio da comadre mandou offerecer ao compadre seu prestimo em favor do pequeno, mandou-lhe propor até que o deixasse ir para a sua companhia. O compadre, porém, não esteve por isso de modo nenhum, e até se prometeu aceitar para qualquer outra cousa a protecção do tenente-coronel, foi a instancias da comadre.

— Não quero, dizia elle, que me roubem o gosto de tê-lo feito gente ; comecei a minha obra, hei de acaba-la.

— Homem, retorquira-lhe a comadre, você faz mal ; olhe que o velho é homem de representação ; veja como elle com duas voltas e meia poz o Leonardo na rua.

— Nada, não hei de dar o gostinho aqui á esta sucia da vizinhança; hei de eu mesmo fazer a cousa por minhas mãos. Lá se o tenente-coronel quizer fazer alguma cousa por elle, aceito; mas quanto a tira-lo da minha companhia, isso nunca. Agora já é birra; hei de levar a minha avante.

XII.

ENTRADA PARA A ESCOLA.

E' mister agora passar em silencio sobre alguns annos da vida do nosso memorando, para não cansar o leitor, repetindo a historia de mil travessuras do menino no genero das que já se conhecem ; foram diabruras de todo o tamanho que exasperaram a vizinha, desgostaram a comadre, mas que não alteraram em cousa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado ; cada vez esta augmentava, se era possível, tornava-se mais cêga. Com elle cresciam as esperanças do bello futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto mais que durante este tempo fizera este *alguns* progressos ; lia soletrado soffrivelmente, e por inaudito triumpho da paciencia do compadre aprendera a ajudar missa. A primeira vez que elle conseguiu praticar com de-

cencia e exactidão semelhante acto, o padrinho exultou; foi um dia de orgulho e de prazer; era o primeiro passo no caminho para que elle o destinava

— E dizem que não tem geito para padre, pensou comsigo; ora acertei o alvo, dei-lhe com a balda. Elle nasceu mesmo para aquillo, ha de ser um clerigo de truz. Vou tratar de mettê-lo na escola, e depois... toca.

Com effeito foi cuidar nisso e fallar ao mestre para receber o pequeno; morava este em uma casa da rua da Valla, pequena e escura.

Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho, sujus já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior onde escreviam os discipulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros; nas paredes e no tecto haviam penduradas uma porção enorme de gaiolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quaes pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades; era a paixão predilecta do pedagogo.

Era este um homem todo em proporções infinitesimales, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de oculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discipulos por *dá cá aquella palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O barbeiro entrou

acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado á vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era em um sabbado; os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quasi todos de jaqueta ou *robições* de lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro ou papelão pendurada por um cordel a tiracollo; chegaram os dous exactamente na hora da taboada cantada. Era uma especie de ladainha de numeros, que se usava então nos collegios, cantada todos os sabbados em uma especie de *canto-chão* monotono e insupportavel, mas de que os meninos gostavam muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado áquillo, escutava impassivel, com uma enorme palmatoria na mão, e o menor erro que algum dos discipulos commetia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro commettido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orchestra, ensinando a marcar o compasso. O compadre expoz, no meio do ruido, o objecto de sua visita, e apresentou o peqneo ao mestre.

— Tem muito boa memoria; soletra já alguma cousa, não lhe ha de dar muito trabalho, disse com orgulho.

E se m'o quizer dar, tenho aqui o remedio ; *santa ferula!* Disse o mestre brandindo a palmatória.

O compadre sorriu-se, querendo dar a entender que tinha percebido o latim.

— E' verdade ; faz santas até as feras, disse traduzindo.

O mestre sorriu-se da traducção.

— Mas espero que não ha de ser necessaria, accrescentou o compadre.

O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda-feira cá vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se. Procurou pelo menino e já o vio na porta da rua prestes a sahir, pois que alli não se julgava muito bem.

— Então, menino, sahe sem tomar a benção ao mestre?...

O menino voltou constrangido, tomou de longe a benção, e sahiram então.

Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracollo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro de chifre ; o padrinho o acompanhou até á porta. Logo nesse dia portou-se de tal maneira que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrara ; declarou desde esse

instante guerra viva á escola. Ao meio-dia veio o padrinho busca-lo, e a primeira noticia que elle lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquella tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender?..

— Mas não é preciso apanhar...

— Pois você já apanhou?..

— Não foi nada, não senhor; foi porque entornei o tinteiro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou comigo, e eu comecei a rir muito....

— Pois você vai se rir quando o mestre ralha...

Isto contrariou o mais que era possível ao barbeiro. Que diabo não diria a maldita vizinha, quando soubesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola?... Mas não haviam reclamações, o que o mestre fazia era bem feito. Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde á escola, o que só conseguiu com a promessa de que fallaria ao mestre para que elle lhe não desse mais. Isto, porém, não era cousa que se fizesse, e não foi senão um engodo para arrastar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola, e por principio nenhum queria estar quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e pô-lo de joelhos a poucos passos de si; passado pouco tempo voltou-se distrahidamente e surprende-o no momento em que elle erguia a mão para atirar-lhe

uma bola de papel. Chamou-o de novo, e deu-lhe uma duzia de bolos.

— Já no primeiro dia, disse, você promete muito....

O menino resmungando dirigio-lhe quanta injuria sabia de cór.

Quando o padrinho voltou de novo a busca-lo achou-o de tenção firme e decidida de não se deixar engodar por outra vez, e de nunca mais voltar, ainda que o rachassem. O pobre homem azuou com o caso.

— Ora logo no primeiro dia !.. Disse comsigo ; isto é praga daquella maldita mulher... mas hei de teimar, e vamos ver quem vence.

XIII.

MUDANÇA DE VIDA.

A' custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciencia, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola durante dous annos e que aprendesse a ler muito mal, e escrever ainda peor. Em todo esse tempo não se passou um só dia em que elle não levasse uma remessa maior ou menor de bolos; e, apezar da fama que gozava o seu pedagogo de muito cruel e injusto, é preciso confessar que poucas vezes o fôra para com elle; o menino tinha a bossa da desenvoltura, e isto, junto com as vontades que lhe fazia o padrinho, dava em resultado a mais refinada má-criação que se póde imaginar. Achava elle um prazer suavissimo em desobedecer a tudo quanto se lhe ordenava; se se queria que estivesse sério, desatava a rir como um perdido

com o maior gosto do mundo; se se queria que estivesse quieto, parece que uma mola occulta o impellia e fazia com que dêsse uma idéa pouco mais ou menos approximada do moto-contínuo. Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa lhe durou mais de 15 dias; era tido na escola pelo mais refinado velhaco; vendia aos collegas tudo que podia ter algum valor, fosse seu ou alheio, comtanto que lhe cahisse nas mãos; um lapis, uma penna, um registo, tudo lhe fazia conta; o dinheiro que apurava empregava sempre do peor modo que podia. Logo no fim dos primeiros cinco dias de escola declarou ao padrinho que já sabia as ruas, e não precisava mais de que elle o acompanhasse; no primeiro dia em que o padrinho annuo a que elle fosse sózinho, fez uma tremenda gazeta; tomou depois gosto a esse habito, e em pouco tempo adquirio entre os companheiros o appellido de gazeta-mór da escola, o que tambem queria dizer apanha bolos-mór. Um dos principaes pontos em que elle passava alegremente as manhãs e tardes, em que fugia á escola, era a igreja da sé. O leitor comprehende bem que isto não era de modo algum inclinação religiosa; na sé á missa, e mesmo fóra disso, reunia-se gente, sobretudo mulheres de mantilha, de quem tomara particular zanguinha por causa da semelhança com a madrinha, e é isso o que elle queria, porque internando-se na multidão dos que entravam e sa-

hiam, passava despercebido, e tinha segurança de que o não achariam com facilidade se o procurassem.

Pelo habito de frequentar a igreja tomara conhecimento e travara estreita amizade com um pequeno sacristão que, digamos de passagem, era tão boa peça como elle; apenas se encontravam limitavam-se a trocar olhares significativos enquanto o amigo andava occupado no serviço da igreja; assim porém que se acabavam as missas, e que sahiam as verdadeiras beatas, reuniam-se os dous e começavam a contar suas diabruras mais recentes, travando o plano de mil outras novas. Por complacencia, ou antes por prova de decidida amizade, o companheiro confiava ao nosso gazeador um canço, e faziam juntos o serviço e as maroteiras; a mais pequena que faziam era irem de altar em altar escorropichando todas as galhetas, o que lhes incendia mais o desejo de traquinar.

Esta vida durou por muito tempo; porém afinal já eram as gazetas tão repetidas, que o padrinho se vio forçado a acompanhá-lo outra vez todos os dias para a escola, o que desfez todos os planos que os dous tinham concertado. O nosso futuro clérigo tinha muitas vezes pensado em como não lhe seria agradável ver-se revestido como o seu companheiro de uma batina e uma sobrepelliz, e feito também sacristão, ter a toda hora á sua dis-

posição quantos caniços quizesse, ter por sua e de seu amigo toda a igreja, poder nos dias de festa, tomando o thurybulo, afogar em ondas de fumaça a cara da velha que mais perto lhe ficasse na occasião da missa. Oh! isso era um sonho de venturas! Vendo-se privado, depois que o padrinho o acompanhava, de gozar parte destes prazeres, como fazia nos dias de fugida, atearam-se-lhe os desejos, e começou a confessar-lhe ao padrinho, dando a entender que nada havia de que agora gostasse tanto como fosse a igreja, para a qual, dizia elle, parecia ter nascido. Isto foi para o padrinho um alegrão, porque neste gosto recente do pequeno, via furo aos seus projectos.

—Eu bem dizia... pensava comsigo; não tem duvida, vou adiante; o rapaz está me enchendo as medidas.

Afinal o menino tomou um dia uma resolução ultima e propoz ao padrinho que o fizesse sacristão.

—Isso seria muito bom, disse elle, afim de acostumar-me para quando fôr padre.

A principio a idéa deslumbrou ao padrinho, porém mais tarde acudio-lhe a reflexão, e assentou, que seria rebaixar o menino e comprometter a sua dignidade futura. Afinal, porém, tantas foram as rogativas e argumentos do pequeno, que se viu obrigado a ceder. O menino tinha nisso duas

enormes vantagens, satisfazia seus desejos e sahia da escola, poupando assim as remessas diarias de holos.

—Está bem, dissera comsigo o padrinho, elle já sabe lêr alguma cousa e escrever, deixo-o, para fazerlhe a vontade, algum tempo na sé, para que tambem tome mais amor áquella vida, e depois, apenas o vir com o juízo mais assente, hei de ir adiante com a cousa. Foi em consequencia procurar aquelle sacristão da sé que dansara o minuete na festa do baptizado, que era nada menos do que o pai do sacristãozinho com que o nosso pequeno travara amizade, para arranjar o afilhado, que não queria outra igreja que não fosse a sé. Felizmente pôde elle ser admittido; com a pratica que tivera dos dias de gazeta aprendera, pouco mais ou menos, todo o ceremonial que é mister a um sacristão: ajudar a missa já elle sabia, as outras cousas aperfeiçoou-se em pouco tempo.

Em poucos dias apromptou-se, e em uma bella manhã sahio de casa, vestido com a competente batina e sobrepelliz, e foi tomar posse do emprego. Ao vê-lo passar a vizinha dos máos agouros soltou uma exclamação de surpresa a principio, suppondo alguma aspeira do compadre: porém reparando, comprehendeu o que era, e desatou uma gargalhada.

— E que tal ? !... Deos vos guarde, Sr. cura, disse fazendo um cumprimento.

O menino lançou-lhe um olhar de revés, e respondeu entre dentes :

— Eu sou cura, e hei de te curar...

Era aquillo uma promessa de vingança.

— Ora dá-se ? Continuou a vizinha comsigo mesma ; aquillo na igreja é um peccado !!

Chegou o menino á sé impando de contente ; parecia-lhe a batina um manto real. Por fortuna houve logo nesse dia dous baptizados e um casamento, e elle teve assim occasião de entrar no pleno exercicio de suas funcções, em que começou revestindo-se da maior gravidade deste mundo. No outro dia, porém, o negocio começou a mudar de figura, e as bregeiradas começaram.

A primeira foi em uma missa cantada. Coube ao pequeno o ficar com uma tocha, e ao companheiro o thurybulo ao pé do altar.

Por infelicidade a vizinha do compadre, a quem o menino promettêra *curar*, sem pensar no que fazia, collocou-se perto do altar junto aos dous. Assim que a avistou, o novo sacristão disse algumas palavras a seu companheiro, dando-lhe de olho para a mulher. Dahi a pouco collocaram-se os dous disfarçadamente em distancia conveniente, e de maneira tal, que ella ficasse pouco mais ou menos com um delles atrás e outro adiante. Co-

meçaram então os dous uma obra meritoria: enquanto um, tendo enchido o thurybulo de incenso, e balançando convenientemente, fazia que os rolos de fumaça que se desprendiam fossem bater de cheio na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sobre as costas da mantilha a cada passo plastradas de cera derretida, olhando disfarçado para o altar. A pobre mulher exasperou-se, e disse-lhes não sabemos o que.

— Estamos te curando, respondeu o menino tranquillamente.

Vendo que não tirava partido, quiz a devota mudar de lugar e sahir, porém o aperto era tão grande que o não pôde fazer, e teve de aturar o supplicio até o fim. Acabada a festa, dirigio-se ao mestre de ceremonias, e fez uma enorme queixa, que custou aos dous uma tremenda sarabanda. Pouco, porém, se importaram com isso, uma vez que tinham realizado o seu plano.

XIV

NOVA VINGANÇA E SEU RESULTADO.

A sarabanda que o mestre de ceremonias passara aos dous pequenões em razão do que haviam feito á pobre mulher não produziu, como dissemos, nenhum effeito sobre elles no sentido de os emendar; não perdoaram, porém, a humilhação que soffreram diante de sua victima, e a vingança de que ella tinha gozado; na primeira occasião, que tiveram, tiraram desforra, pregando também uma peça ao mestre de ceremonias.

Foi o caso assim :

O mestre de ceremonias era um padre de meia idade, de figura menos má, filho da ilha Terceira, porém que se dava por puro alfacinha: tinha-se formado em Coimbra; por fóra era um completo S. Francisco de austeridade catholica, por dentro re-

finado Sardanapalo; que podia por si só fornecer a Bocage assumpto para um poema inteiro; era pregador que buscava sempre por assumpto a honestidade e a pureza corporal em todo o sentido; porém interiormente era sensual como um sectario de Mafoma. O publico ignorava talvez semelhante cousa, porém outro tanto não acontecia aos dous meninos, que andavam ao facto de tudo; o mestre de ceremonias, fiado em que pela sua pouca idade dariam elles pouca attenção a certas cousas, tinha-os algumas vezes empregado no seu serviço, mandando recados á uma certa pessoa que, saiba o leitor em segredo, era nada menos do que a cigana, objecto dos ultimos cuidados do Leonardo, com quem S. Revma. vivia a certo tempo em estreitas relações, salvando, é verdade, todas as apparencias da decencia.

Chegou o dia de uma das primeiras festas da igreja, em que o mestre de ceremonias era sempre o pregador; era no sermão desse dia que o homem se empregava, muito tempo antes, pondo abaixo a *livraria*, e fazendo um enorme esforço de intelligencia (que não era nelle cousa muito vigorosa.) Já se vé, pois, que elle devia amar o seu sermão, tanto que quasi rebentou de raiva em um anno em que por doente o não pôde pregar. Entendia que todos o ouviam com summo prazer, que o povo se abalava á sua voz; emfim, aquelle sermão annual era o

meio por que elle esperava chegar a todos os fins; a que contava dever toda a sua elevação futura; era o seu talisman. Digamos entretanto que era bem máo caminho o tal sermão, porque se podia elle demonstrar alguma cousa, era a insufficiencia do padre para qualquer cousa desta vida, excepto para mestre de ceremonias, em que ninguem o desbancava. Pois foi nesse ponto delicado que os dous meninos buscaram feri-lo, e o acaso os favoreceu, excedendo de muito os seus desejos e esperanças, e fazendo a sua vingança completissima.

Chegou, como dissemos, o dia da festa; havia tres ou quatro dias antes que o mestre de ceremonias não sahia de casa, empregado em decorar a importante peça. Foi o nosso sacristão calourô encarregado de lhe ir avisar da hora do sermão. Chegou á casa da cigana, onde o padre costumava a estar; bateu, e, apezar de todas as recommendações que costumava ter, disse em voz alta:

— O Rev. mestre de ceremonias está ahi?...

— Falle baixo, menino, disse a cigana de dentro da rotula... O que quer você com o Sr. padre?

Precisava muito fallar com elle por causa do sermão de amanhã.

— Entra, entra, disse o padre que o ouvira...

— Venho dizer a V. Revma., disse o menino entrando, que a manhã ás dez horas ha de estar na igreja.

— As dez? Uma hora mais tarde do que de costume...

— Justo, respondeu o menino, sorrindo-se internamente de alegria, e sahio.

Foi logo dalli dar parte ao companheiro de que o seu plano tinha sahido completamente aos seus desejos, pois o que elle queria era que o padre faltasse ao sermão, e por isso, encarregado de lhe indicar a hora a trocar, e em vez de nove disse-
ra dez.

Dispozeram-se as cousas; postou-se a musica de barbeiros na porta da igreja; andou tudo em reboliço; ás 9 horas começou a festa.

As festas daquelle tempo eram feitas com tanta riqueza e com muito mais propriedade, a certos respeito, do que as de hoje; tinham entretanto alguns lados comicos; um delles era musica de barbeiros á porta. Não havia festa em que se passasse sem isso; era cousa reputada quasi tão essencial, como o sermão; o que valia porém é que nada havia mais facil de arranjar-se; meia duzia de aprendizes ou officiaes de barbeiro, ordinariamente negros, armados este com um piston desafinado, aquelle com uma trompa diabolicamente rouca, formavam uma orchestra desconcertada, porém estrondosa, que faziam as delicias dos que não cabiam ou não queriam estar dentro da igreja.

A festa seguiu os seus tramites regulares; porém

apenas se foi approximando a hora, começou a dar cuidados a tardança do prégador. Fez-se mais esta cerimonia, mais aquella, e nada de apparecer o homem. Despachou-se á toda pressa um dos meninos que não entrára na festa para ir procurar o padre; elle deu duas voltas pela vizinhança e veio dizendo que o não tinha encontrado. Subiram os apuros; não havia remedio; era preciso um sermão, fosse como fosse.

Estava assistido á festa um capuchinho italiano, que por bondade, vendo o aperto geral, offereceu-se para improvisar o sermão

— Mas V. Revma. não falla a lingua da gente, objectaram-lhe.

— *Capisco!* Respondeu este, *ed la necessitá!*...

Depois de alguma perplexidade aceitáram-se finalmente os bons officios do capuchinho, e foi elle levado ao pulpito. Os meninos triumphantes sorriam-se um para o outro. Apenas appareceu o prégador ao povo houve murmurio geral; os gaia-tos sorriam se contando já com o partido que dali tirariam para um bom par de risadas; algumas velhas prepararam-se para uma grande compunção ao aspecto das immensas barbas do prégador; outras menos crentes, vendo que não era o orador costumado, exclamaram despeitadas :

— Arrenego !

— Deos me perdõe.

— Pois aquillo é que prêga hoje?...

Apezar, porém, de tudo isto, a atenção foi profunda e geral, animando a todos uma grande curiosidade. O orador começou; fallava já a um quarto de hora sem que ninguem ainda o tivesse entendido; começavam já algumas velhas a protestar que o sermão todo em latim não tinha graça, quando de repente vio-se abrir a porta do pulpito e apparecer a figura do mestre de ceremonias lavado em suor e vermelho de colera; foi um susurro geral. Elle adiantou-se, afastou com a mão o prêgador italiano, que, sorprendido parou um instante, e entôou com voz rouca e estrondosa o seu *per signum crucis*. A'quella voz conhecida o povo despertou do aborrecimento, benzeu-se, e se dispoz a escuta la. Nem todos, porém, foram desta opinião; entenderam que se devia deixar acabar o capuchinho, e começaram a murmurar. O capuchinho não quiz ceder de seu direito, e proseguio na sua arenga. Foi uma verdadeira scena de comedia, de que a maioria dos circumstantes ria-se a não poder mais; os dous meninos, autores principaes da obra, nadavam em um mar de rosas..

— *O' mei cari fratelli!* Exclamava por um lado o capuchinho com voz aflautada e meiga, *la voce de la Providenza...*

— *Semelhante ás trombetas de Jericó*, rouquejava por outro lado o mestre de ceremonias...

— *Piage al cor...* acrescentava o capuchinho.

— *Annunciando a quèda de Satanaz*, proseguia o mestre de ceremonias.

E assim levaram por algum tempo os dous, acompanhados por um côro de risadas e confusão, até que o capuchinho se resolveu a abandonar o posto, murmurando despeitado :

— *Che bestia, per Dio !*

Acabado o sermão, desceu do pulpito o mestre de ceremonias já um pouco aplacado por ter conseguido fazer-se ouvir, porém ainda bastante furioso para vir protestaudo arrancar uma por uma as quatro orelhas dos dous pequenos, de quem desconfiava que partira o que acabava de soffrer. Chegou á sacristia, que estava cheia de gente, vendo os dous meninos investio para elles, e prendendo a cada um com uma mão pela gola da sobrepelliz...

— Então... então... dizia com os dentes cerrados... a que horas é o sermão ?

— Eu disse as nove, sim, senhor ; póde perguntar á moça, que ella bem ouviu...

— Que moça, menino, que moça ? Disse o padre exasperado por estar tanta gente e ouvir aquillo.

— Aquella moça cigana, lá onde V. Revma. estava ; ella ouviu, eu disse ás nove.

— Oh ! disseram os circumstantes.

— E' falso, respondeu com força o mestre de ceremonias, largando os meninos para evitar novas

explicações, e dando satisfação aos circumstantes com protestos de ser falso o que os meninos acabavam de dizer.

Entretanto serenou o alvoroço, acabou-se a festa, o povo retirou-se. O mestre de ceremonias sentado a um canto pensava consigo :

— E que tal? Não ia perdendo o meu sermão deste anno por causa daquelle endiabrado?! Depois que o maldito menino entrou para esta igreja anda tudo aqui em uma poeira! Ainda em cima dizer à vista de tanta gente que eu estava em casa da cigana! Nada... vou dar com elle daqui para fóra...

E com effeito tratou de fazer com que os dous meninos, ou pelo menos o mais novo, fosse despedido. Sem muito custo o conseguiu, porque por certo não gozava elle de grandes sympathias.

Foi esta a peor peça que se lhe podia pregar; elle estava como em um paraiso, e expelliam-o delle; e depois a maldita vizinha como não havia ficar satisfeita vendo-o despedido, e a madrinha que se oppuzera formalmente á sua entrada para a sé... tudo isto fazia-o desesperar..

Não se tinha elle enganado em suas previsões; apenas chegou em casa, e que se soube pela vizinhança do que se tinha passado, a vizinha, pilhando de geito o compadre:

—Então, disse-lhe, eu não lhe tenho dito que aquillo tem mãos bofes?...

Senhora, pelo amor de Deos, metta-se com a sua vida....

—Estou vingada... pensava que a minha mantilha nova havia de ficar assim...

O compadre retirou-se para evitar nova desordem.

A comadre, apenas soube também do successo, veio ter com o compadre para dizer-lhe:

—Eu bem lhe digo: elle não serve para aquillo; é melhor pô-lo na Conceição; lá ha mais sujeição; olhe, eu podia arranjar isso com o tenente-coronel....

O compadre, porém, não pareceu resolvido a aceitar o conselho.

XV.

ESTRALADA.

Apezar de tudo quanto havia já soffrido por amores, o Leonardo de modo algum queria emendar-se ; enquanto se lembrou da cadêa, dos granadeiros e do Vidigal esqueceu-se da cigana, ou antes só pensava nella para jurar esquece-la ; quando porém as caçoadas dos companheiros foram cessando, começou a renovar-se a paixão, e teve lugar uma grande luta entre a sua ternura e a sua dignidade, em que esta ultima quasi triumphava, quando uma descoberta maldita veio transformar tudo. Não sabemos por que meio o Leonardo descobriu um dia que o rival feliz, que o puzera fóra de combate, era o reverendo mestre de ceremonias da sé ! Subio-lhe com isto o sangue á cabeça :

— Pois um padre !?... Dizia elle ; é preciso que eu salve aquella creatura do inferno, onde ella se está mettendo já em vida....

E começou de novo em tentativas, em promessas, em partidos para com a cigana, que á cousa alguma queria dobrar-se. Um dia que a pilhou de geito á janella abordou-a, e começou *ex ab rupto* a fallar-lhe deste modo :

— Você está já em vida no inferno !... Pois logo um padre ? !...

A cigana interrompeu-o :

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou...

— Mas você está commettendo um peccado mortal... está deitando sua alma a perder.....

— Homem, sabe que mais ? Você para prégador não serve, não tem geito... eu como estou muito bem ; não me dei bem com os meirinhos ; eu nasci para cousa melhor...

— Pois então tem alguma cousa que dizer de mim ?... Hei de me ver vingado... e bem vingado.

— Ora ! respondeu a cigana rindo se.

E começou a cantarolar o estribilho de uma modinha.

O Leonardo comprehendeu que, fallando-lhe no inferno e em castigos da outra vida nada arranja-

va, e decidio dar-lhe o castigo mesmo nesta vida. Retirou-se murmurando :

— Faço uma estralada, dê no que der...

Poucos dias depois aconteceu que a cigana fazia annos; segundo o costume, apenas appareceu este pretexto, armou-se logo uma funcção : não nos daremos ao trabalho de descrevê-la; em um dos capitulos antecedentes já vio o leitor o que isso era: viola, modinhas, fado, algazarra, e estava a festa completa. O Leonardo soube logo do que havia, e jurou que esse seria o dia da vingança.

Ser valentão foi em algum tempo officio no Rio de Janeiro ; havia homens que viviam disso : davam pancada por dinheiro, e iam a qualquer parte armar de proposito uma desordem, com tanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado.

Entre os honestos cidadãos que nisto se occupavam, havia, na época desta historia, um certo Chico-Juca, afamadissimo e temivel. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamaram-o a princio — Chico — ; porém tendo acontecido que conseguisse elle pelo seu braço lançar por terra do throno da valentia a um companheiro, que era no seu genero a maior reputação do tempo, e a quem chamavam — Juca, — juntaram este appellido ao seu, como honra pela victoria, e chamaram-o dahi em diante — Chico-Juca.

Este homem era o desespero de Vidigal ; tinha-lhe já pregado umas poucas, porém ainda não tinha sido possível agarrá-lo. Os granadeiros conheciam-o ás leguas, porém nunca conseguiram pôr-lhe as mãos.

Tendo levado toda o dia á espreita, o Leonardo viu entrar sorrateiramente o mestre de ceremonias, pela volta de Ave-Maria, quando ainda não tinha começado a funcção.

— Ah! nem esta noite quer perder?! Pois ha de sahir-lhe cara a funçanata..

Sahio dalli e foi direito procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em uma taverna defronte do Bom-Jesus. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabello cortado rente ; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinellas pretas e um chapelinho branco muito á banda ; ordinariamente era affavel, gracejador, cheio de dicterios e chalaças ; porém nas occasiões de *sarilho*, como elle chamava, era quasi feroz. Como outros têm o vicio da embriaguez, outros o do jogo, outros o do deboche, elle tinha o vicio da valentia ; mesmo quando ninguem lhe pagava, bastava que lhe désse na cabeça, armava brigas e só depois que dava pancadas a fartar, é que ficava satisfeito : com isso muito lucrava ; não havia taverneiro que lhe não fiasse e não o tratasse muito bem.

Estava na porta da taverna sentado sobre um sacco quando appareceu-lhe o Leonardo.

— Olá, mestre pataca! Disse elle apenas o vio. pensei que ainda estava de chilindró, tomando fortuna por causa da cigana ..

— E' mesmo por causa desse diabo que te venho procurar.

— Homem, cabeça e murro velho sei eu dar, porém fortuna! Nunca tive tal habilidade...

— Não se trata de fortuna, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada velha...

— Ui! temos dança?... Vai-te embora... tu não és capaz de armar um *sarilho*... sempre foste um podre!...

— Bem sei, eu não sou capaz... mas tu... tu, que és mestre disto...

— Eu... então porque diabo e onde queres tu que eu arme esse *sarilho*?...

— Não te has de arrepender, disse o Leonardo, batento significativamente com os dedos no bolso do collete.

O Chico-Juca entendeu o verso; carregou o chapéo um pouco mais para o lado, e poz-se a escuta-lo com curiosidade.

O Leonardo disse então o que queria; tratava-se nada menos do que ir o Chico-Juca nessa mesma noite, fosse como fosse, á funcção da cigana, e de armar alli por alta noite uma grande desordem;

prevenio-o logo que o Vidigal havia de estar por perto ; e assim, apenas estivesse armada a historia, era pôr-se ao fresco. A causa de tudo isto o Leonardo não lhe quiz explicar, e tambem elle não teve grande curiosidade de saber ; tratava-se de uma desordem ; fosse qual fosse o motivo, estava sempre prompto. Assim, depois de se regatear um pouco o preço, chegaram os dous a um accordo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico-Juca, o Leonardo foi procurar o Vidigal, e deu-lhe parte do que naquella noite havia em casa da cigana, e affiançou-lhe que a cousa acabava por força em desordem. Portanto cumpria que o Sr. major por lá apparecesse para o que dêsse e viesse.

— Está bem, disse-lhe o Vidigal ; você quer tirar sua desforra ; é justo. Lá hei de ir, e não precisava a sua advertencia, pois já sabia que havia hoje por lá annos, e tinha tenção de apparecer.

O Leonardo retirou-se contente, vendo que seu plano sahia ás mil maravilhas, e dispoz-se a gozar do resultado, pondo-se á espreita de lugar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinha cantado meia duzia de modinhas e dansado por algum tempo a *tyranna*, quando o Chico-Juca appareceu, e por intermedio de um conhecido (elle os tinha em toda a parte) foi introduzido na sala, e começou a observar o que se passava. Havia na sala

um quarto, cuja porta estava fechada ; de vez em quando a cigana lá entrava, demorava-se um pouco e sahia; dahi a pouco tornava a entrar, levando consigo alguma das camaradas mais do peito, e tornava a sahir; passado pouco tempo, entrava ainda levando outra amiga. Alguns faziam reparo nisso; outros porém não tinham desconfiança alguma. Ia a festa continuando, lá pela meia noite, quando começava a *aferventar*, foi de repente interrompida. Vio-se um dos rapazes que tocavam viola parar subitamente, e, interrompendo o estribilho da modinha que cantava, gritar enfurecido :

— Isto passa de mais... varro... menos essa, Sr. Chico-Juca ; nada de graças pesadas com essa moça, que é cá cousa minha...

O Chico-Juca estava com effeito a mais de meia hora a dirigir graçolas das suas á uma moça, que elle bem sabia que era *ccusa* do rapaz que estava tocando ; tanto fez, que este, tendo percebido proferio aquellas palavras, que acabamos de ouvir:

— Você respinga?!.. Respondeu-lhe o Chico-Juca, dirigindo-se para elle.

O rapaz, que não era pêco, poz se em pé e replicou :

— Tenho dito, nada de graças com ella!...

Mal tinha pronunciado estas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, ba-

teu-lhe com ella em cheio sobre a cabeça ; o rapaz reagio, e comecou a confusão.

O Chico-Juca foi accommettido por um pouco ; porém ligeiro e destemido, distribuia a cada qual o seu quinhão da cabeçadas e pontapés ; algumas mulheres metteram-se na briga, e davam e levavam como qualquer ; outras porém desfaziam-se em algazarra. De repente o Chico-Juca embarafustou pela porta fóra, e desapareceu.

Era tempo, porque não se tinha passado muito tempo quando assomou na porta, que elle deixara aberta, a figura tranquilla do Vidigal, rodeado por uma porção de granadeiros. O Chico-Juca tinha-lhes escapado, apesar de o terem visto quando sahia, porque o major, sendo nessa occasião poucos os soldados, não quiz mandar segui-lo com medo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negocio estava feio. Entrou, pois, deixando-o passar.

Apenas o viram, pararam todos aterrados.

— Então que briga é esta?... Disse elle descan-sadamente.

Começaram todos a desculpar-se como podiam ; e, segundo o credito que mereciam pela sua reputação, era-lhes distribuida a justiça: se era sujeito já conhecido, e que não era aquella a primeimra em que entrava ficava de lado, e um granadeiro tomava conta d'elle; os outros eram mandados embora.

Neste interim a cigana muito perturbada olhava repetidas vezes para a porta do quarto, dando signaes da mais viva inquietação. Não escapou isto ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um grana-deiro :

— Revista aquelle quarto....

A cigana deu um grito; o granadeiro obedeceu e entrou no quarto; ouviu-se então um pequeno ru-mor, e o Vidigal disse logo cá de fóra :

— Traz para cá quem estiver lá dentro.

No mesmo instante vio apparecer o granadeiro, trazendo pelo braço o Rev. mestre de ceremonias em ceroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivela, e solidéo á cabeça. Apezar dos apuros em que se achavam, todos desataram a rir; só elle e a cigana choravam de envergonhados.

Esta ultima poz-se aos pés do Vidigal, mas elle foi inflexivel; e o Rev. foi conduzido com os outros para a casa da guarda na sé, sendolhe apenas permittido pôr-se em habitos mais decentes.

XVI.

SUCCESSO DO PLANO.

Para socegarmos os leitores, que estarão sem duvida com cuidado no mestre de ceremonias, apressamo-nos a dizer que não chegou elle a ir á cadêa; o Vidigal quiz dar-lhe apenas uma amostra do panno, e depois de o ter exposto na casa da guarda por algumas horas, como já acontecêra ao Leonardo, á vistoria publica, o deixou ir embora envergonhado, abatido, maldizendo a idéa que tivera de ir assistir de dentro do quarto á festa dos annos da sua amazia. Quanto ao Leonardo, não cabia em si de contente; por pouco que a sua vingança não tinha sido completa; vira o seu rival, como já a elle proprio succedêra, preso pelos granadeiros, levado á casa da guarda, soffrendo ahi a vistoria dos curiosos; faltara, é verdade,

a sova e os dias de cadêa, porém também elle era um simples meirinho, e o mestre de ceremonias um sacerdote respeitado, e por isso qualquer coisa bastava para feri-lo gravemente.

Além disto o mestre de ceremonias, depois de graves meditações, sabendo que ficara mal visto de seus companheiros pelo escandalo que dera, se bem que fosse certo não estar nenhum delles a tal respeito em circumstancias de lhe atirar a primeira pedra, ouvindo um murmurio surdo que se levantava ameaçando-o com a perda do lugar que exercia na sé, decidio-se a abandonar a cigana, e assim o fez. Com isto o Leonardo deu-se de todo por satisfeito, e renascêram-lhe as esperanças de conquistar o antigo posto, uma vez que o principal inimigo o tinha abandonado. A cigana, desprezada, não quereria sem duvida ficar por muito tempo devoluta; e como elle se achava com requerimento em caixa, e contava serviços atrasados, era provavel que obtivesse favoravel despacho, por que também ella ainda nem sonhava que tudo o que tinha succedido pudesse ter sido obra sua.

Começou, pois, o sentimental Leonardo a rondar a porta da sua antiga amante; se a via na janella, ora parava na esquina a dirigir-lhe olhares supplicantes; passando por junto della deixava ora

escapar um maguadissimo suspiro ou uma queixa amargurada.

Todas estas scenas, desempenhadas por aquella figura do Leonardo, alto, corpulento, avermelhado, vestido de casaca, calção e chapéo armado, eram tão comicas, que toda a vizinhança se divertio com ellas por alguns dias. Alguns imprudentes começaram, conversando das janellas, a atirar indirectas á cigana; esta ficou-se com isso, e foi essa a *fortuna* do Leonardo. Um dia que elle passou, deu-lhe ella de olho que entrasse.

O Leonardo teve uma sensação inexplicavel, seu rosto colorio-se em todos os tons, desde o vermelho, que era a sua côr habitual, até o roxo ennegrecido; depois baixou gradualmente até a pallidez marmorea; caminhando do lugar onde estava até á porta da cigana, não sentio o solo debaixo de seus pés; quando deu accordo de si estava com os olhos rasos d'agua nos braços da antiga amada que lhe pedia mil perdões, que promettia ser dali em diante fiel até a morte, se bem que se não esquecia de declarar no meio de tudo, que, se o recebia de novo em sua casa, era porque queria quebrar a castanha na boca daquellas más linguas da vizinhança, que se estavam mettendo com a sua vida. O pobre homem não cabia em si; parecia um viajante que volta aos velhos lares, ou um cabo de guerra que acaba de livrar do poder do

inimigo uma praça sitiada. Emfim reataram-se de todo os afrouxados laços.

O Leonardo cahio em dar parte aos seus companheiros que tinha afinal vencido a intrincada demanda; custou-lhe isto uma tremenda caçoada de todos, e sérias reprehensões de alguns. Mas com cousa alguma se importava naquella occasião; a felicidade o cégava a ponto de não ver aquillo que lhe estava entrando pelos olhos.

A comadre, apenas soube do que havia succedido, foi procurar o Leonardo, e começou em um longo sermão a querer persnadi-lo que tinha dado um passo errado.

—Pois, compadre, disse-lhe ella, você não se emendou ainda !...

—Qual, historia, eu sou doudo por estas cousas.

—Mas, homem, você não se tem dado bem nem com as saloias, nem com as ciganas; para que antes não procura uma filha cá da terra ?...

A comadre tinha uma sobrinha, que vivia em sua companhia, e que lhe pesava soffrivelmente sobre as costas; desde ha muito nutria por isso uma idéa de que o leitor mais tarde terá conhecimento quando ella se realizar, ou antes disso, se a perceber pelas palavras da comadre.

—Nada, não gosto desta gente...

—Não tem razão; ha por ahi muita rapariga

capaz; é verdade que o que ellas querem é o *toma lá, dá cá debaixo do arco-cruzeiro...*

—E' por isso mesmo que eu não gosto.

Depois de algumas outras tentativas, a comadre retirou-se um pouco contrariada, mas não de todo desanimada; ella contava com a cigana para ajudala a realizar o seu plano, e o leitor verá para diante que tinha nisso razão.

Quanto ao nosso ex-sacristão, continuava ainda a estar sem destino, o que sobre maneira incomodava ao compadre, mas que nem por isso o desanimava. Coimbra era a sua idéa fixa, e nada lli'a arrancava da cabeça. Até o proprio velho tenente-coronel já lhe tinha ido pessoalmente fallar por solicitações da comadre; porém nada conseguira. Exasperado com essa obstinação deixara o negocio de parte, e não se importara mais com cousa alguma.

XVII.

D. MARIA.

Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação; e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem, na época em que vivêram as personagens desta historia a cousa subia de ponto; enchiam-se as ruas de povo, especialmente de mulheres de mantilha; armavam-se as casas, penduravam-se ás janellas manificas colchas de seda, de damasco de todas as côres, e armavam-se corêtos em quasi todos os cantos. E' quasi tudo o que ainda hoje se pratica, porém em muito maior escala e grandeza, por que era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo, porém nós diremos, porque era feito por moda; era tanto do tom enfeitar as janellas e portas em dias de procissão, ou concorrer

de qualquer outro modo para o brilhantismo das festividades religiosas, como ter um vestido de mangas de presunto, ou trazer á cabeça um formidável trepa-moleque de dous palmos de altura.

Nesse tempo as procissões eram multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo: as da quaresma eram de uma pompa extraordinaria, especialmente quando el-rei se dignava acompanhá-las, obrigando toda a côrte a fazer outro tanto; a que primava porém entre todas, era a chamada procissão dos ourives. Ninguem ficava em casa no dia em que ella sahia, ou nas ruas ou nas casas dos conhecidos e amigos que tinham a ventura de morar em lugar por onde ella passasse, achavam todos meio de vê-la. Alguns haviam tão devotos, que não se contentavam vendo-a uma só vez; andavam de casa deste para a casa daquelle, desta rua para aquella, até conseguir vê-la desfilar de principio a fim duas, quatro e seis vezes, sem o que não se avam por satisfeitos. A causa principal de tudo isto era, supponho nós, além talvez de outras, o levar esta procissão uma cousa que não tinha nenhuma das outras: o leitor ha de achá-la sem duvida extravagante e ridicula; outro tanto nos acentee, mas temos obrigação de referi-la. Queremos fallar, de um grande rancho chamado das — bahianas, — que caminhava adiante da procissão, attrahindo

mais ou tanto como os santos, os andores, os emblemas sagrados, os elhares dos devotos; era formado esse rancho por um grande numero de negras vestidas á moda da provincia da Bahia, donde lhe vinha o nome, e que dansavam nos intervallos dos *Deo-gratias* uma dansa lá a seu capricho. Para fallarmos a verdade, a cousa era curiosa e se não a empregassem como primeira parte de uma procissão religiosa, certamente seria mais desculpavel. Todos conhecem o modo por que se vestem as negras na Bahia; é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto; não aconselhamos porém que ninguém o adopte; um paiz em que todas as mulheres ussaassem desse trajo, especialmente se fosse desses abençoados em que ellas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de peccados. Procuremos descrevê-lo.

As chamadas bahianas não usavam de vestido ; traziam sómente umas poucas de saias presas á cintura, e que chegavam pouco abaixo do meio da perna, todas ellas ornadas de magnificas rendas ; da cintura para cima apenas traziam uma finissima camisa, cuja gola e mangas eram tambem ornadas de renda; ao pescoço punham um cordão de ouro ou collar de coraes, os mais pobres eram de missangas ; ornavam a cabeça com uma especie de turbante a que davam o nome de *trumphas*, formado por um grande lenço branco muito tesó

e engommado ; calçavam umas chinellas de salto alto, e tão pequenas, que apenas continham os dedos dos pés, ficando de fóra todo o calcanhar ; e além de tudo isto envolviam-se graciosamente em uma capa de pannò preto, deixando de fóra os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.

Poucos dias depois dos ultimos acontecimentos narrados nos capitulos antecedentes, chegou o dia da procissão dos ourives. Os nossos costumes nesse tempo a respeito de franqueza e hospitalidade não eram lá muito louvaveis ; nesse dia porém soffriam uma excepção, e, como dissemos, as portas daquelles que moravam nas ruas por onde pasava a procissão se abriam a todos os amigos e conhecidos. Em virtude disso aconteceu que se achassem reunidos em casa de uma certa D. Maria o compadre, acompanhado do afilhado (ricamente vestido nesse dia com o seu robição de duraque preto e o seu bonet de pello de lontra), a comadre e a vizinha dos máos agouros.

D. Maria era uma mulher velha, muita gorda ; devia ter sido muita formosa no seu tempo ; porém dessa formosura só lhe restavam o rosado das faces e a alvura dos dentes ; trajava nesse dia o seu vestido branco de cintura muito curta e mangas de presunto, o seu lenço tambem branco e muito engommado ao pescoço ; estava penteada de *bugres*,

que eram dous grossos cachos cahidos sobre as fontes ; o amarrado do cabello era feito na corôa da cabeça, de maneira que simulava um pennacho. D. Maria tinha bom coração, era bemfaseja, devota e amiga dos pobres; porém em compensação destas virtudes tinha um dos peiores vicios daquelle tempo e daquelles costumes ; era a mania das demandas. Como era rica, D. Maria alimentava este vicio largamente ; as suas demandas eram o alimento da sua vida ; acordada pensava nellas, dormindo sonhava com ellas ; raras vezes conversava em outra cousa, e apenas achava uma tangente cahia logo no assumpto predilecto ; pelo longo habito que tinha da materia, entendia do riscado a palmo, e não havia procurador que a enganasse ; sabia todos aquelles termos juridicos e toda a marcha do processo de modo tal, que ninguem lhe levava nisso a palma. Essa mania chegava nella á impertinencia, e aborrecia desesperadamente a quem a ouvia, fallando nos ultimos provarás que lhe tinha feito o seu letrado nos autos da sua demanda de terras, nas razões finaes que se tinham apresentado na acção que intentara contra um des testamenteiros de seu pai, no depoimento das testemunhas no seu processo por causa da venda das suas casas, na citação que mandara fazer a um seu inquilino que lhe havia passado um credito de 20 doblas e que agora

negava a divida, e em mil outras cousas deste genero.

Apenas entrara o compadre, de quem era antiga amiga, e a quem não via ha muito tempo, começou logo D. Maria por dar-lhe parte que aquella antiga demanda com o testamenteiro de seu pai ainda não estava acabada, e por ahi ia já proseguindo conforme seu costume, quando o compadre lhe apresentou o afilhado, e começou tambem a contar a sua historia.

Começou elle pela origem do pequeno; remontou á pisadella e ao belliscão com que a Maria e o Leonardo tinham começado o seu namoro na viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro, o que fez dar a D. Maria boas risadas. Passou em seguida á festa do baptizado, que descreveu detalhadamente. Até aqui era o drama risonho e feliz; veio depois a tragedia; contou todas aquellas historias da perfidia da Maria, dos ciumes do Leonardo e da briga final, cujo resultado trouxera o pequeno ás suas mãos.

D. Maria ouviu tudo com a maior attenção, e só interrompia ao compadre de vez em quando para lançar uma praga á Maria, manifestar compaixão pelo Leonardo, e dár alguma risada pelas travessuras do pequeno. Quando a conversa estava nesta altura, a vizinha dos mãos agouros, que tambem já se achava presente, porém que até alli estivera distrahida, chegou-se para intervir na conversa, já se

sabe, contra o pequeno. Referio então alguma das suas graçolas, accrescentando sempre no fim de cada periodo, e dirigindo-se ao compadre :

— O vizinho, por mais bem que lhe queira, não poderá negar isto....

O compadre, que no meio de tudo tinha sempre pintado a historia do menino com côres muito favoráveis, não cessando de gabar a sua mansidão, boa indole, e dourando sempre as suas diabruras com o titulo de innocencias, ingenuidades ou cousas de criança, começou a dar o cavaco com o desmentido que lhe dava a vizinha, que ao contrario d'elle pintava tudo com côres negras. A compadre interveio tambem nessa occasião, porém conservando uma posição duvidosa ; ora era da opinião do compadre, ora da opinião da vizinha.

D. Maria, que morria por conversa, e sobretudo por novidades, tomava o maior interesse na historia, e ninguem se lembrava de que vez alguma tivesse ella esquecido por tanto tempo suas demandas.

O pequeno, sentado em um canto, ouvia tudo em silencio observador. O compadre mal se podia conter, em respeito a D. Maria, com as invectivas da vizinha ; esta, julgando-se segura na roda em que estava, desabafava largamente contra o menino. Finalmente terminou, dirigindo-se a D. Maria, e dizendo na sua phrase do costume :

— Então, senhora, é o que eu digo ou não? Tem máos bofes...

— Máos bofes, atalhou o compadre já com a calva mui vermelha, máos bofes? Ora esta...

O pequeno lançou do seu lugar á vizinha um olhar fulminante, e que queria pouco mais ou menos dizer:

— Deixa estar que esta não fica sem troco.

D. Maria, vendo que o compadre começava a exasperar-se, fez-se medianeira, e disse dirigindo-se á vizinha:

— Você tem-lhe raiva demais; realmente a função da cera na mantilha é para dar o cavaco, porém, bem diz o mestre: qual é a criança que não faz travessuras? Isto tudo ha de passar com a idade.

Dirigindo-se depois ao pequeno:

— Venha cá, Sr. travesso, disse-lhe com bondade, venha defender-se do que aqui estão dizendo a seu respeito.

O menino chegou-se com um ar entre vechado e capadoçal, collocou-se em pê entre a madrinha e a vizinha.

D. Maria fez-lhe então algumas perguntas, a que elle respondeu com promptidão, porém com máo modo. A vizinha não se julgou muito em segurança com tão bom vizinho a seu lado, e foi querendo levantar-se. O menino, percebendo isto, não quiz

perder occasião de fazer o quer que fosse de maligno contra ella; estendeu a ponta do pé, e pisou-lhe com toda força na barra da saia preta, que ella conservava tendo tirado a mantilha. A vizinha, vendo-lhe o gesto, sem entender bem o que era, percebeu que elle preparava alguma, e quiz levantar-se rapidamente; lá se foram alguns quatro palmos da barra da saia.

—Ah! disse o menino fingindo-se espantado....

—Valha-te Deós, menino! Disse a comadre..

A vizinha contemplava a sua saia rota, dizendo para os circumstantes:

—Então é o que eu digo, ou não? Tem mãos bofes!...

O compadre sorria-se disfarçadamente, vendo a vingança que o menino tomava do que a vizinha acabava de dizer.

—Ora, disse afinal D. Maria com ar de quem não estava muito certa no que dizia, elle estava descuidado, não foi por querer....

O menino foi sentar-se, e a conversa proseguio.

Chegou-se ao ponto do destino que o padrinho queria dar ao afilhado, e, segundo era costume, começou logo grande divergencia entre o compadre e a comadre; esta não fallava senão na Conceição, e aquelle não fallava senão em Coimbra.

D. Maria, solicitada a dar a sua opinião, disse :

—Pois olhem, se fosse comigo, eu havia de pô-

lo em um cartorio, e havia de fazer delle um bom procurador de causas.

— Oh! não, respondeu o compadre; perdôe-me, Sra. D. Maria, perdôe-me se lhe offendo com isso, mas eu tenho uma birra dos diabos com as taes demandas...

— Pois olhe, não tem razão; ellas dão-me que fazer, mas eu já estou acostumada. Por exemplo, aquella demanda das terras, isto tem sido um nunca acabar; os herdeiros do meu compadre João Bernardo, que ainda não estavam habilitados em juizo, mandaram-me aqui citar....

E por ahi continuava, sem que ninguem soubesse onde pararia, quando felizmente teve de interromper-se, porque a procissão approximava-se, e todos corrêram ás janellas:

Isto deu fim á conversa, começou a desfilhar a procissão, que realmente fazia bonito effeito, sobretudo vista da casa de D. Maria, que era, e tinhamos esquecido esta circumstancia, na mesma rua dos Ourives: as luzes das tochas reflectidas nos galões das armações das portas e nas taboletas cheias de ouro e prata, em obra, com que os ourives nesse dia costumavam ornar os intervallos de suas casas, tinham um especto de muita riqueza e luxo, ainda que de máo gosto. De tudo que levava a procissão, o que mais mereceu as honras do agrado dos devotos foi o rancho das bahianas, que

o leitor já conhece, o sacrificio de Abrahão, que ia representado ao vivo.

Caminhava adiante um menino com um feixe de lenha aos hombros, representando Isaac; logo atrás d'elle um latagão vestido com um traje extravagante, com uma enorme espada de páo suspensa sobre a cabeça do menino; era Abrahão; um pouco mais atrás um anjo, suspendendo o furibundo gladio por uma fita de 3 ou 4 varas de comprimento.

Terminada a procissão, retiravam-se os convidados.

Ao sahir o compadre com o pequeno, D. Maria chegou-se a elle, e disse-lhe significativamente :

—Appareça, que temos que conversar a respeito do pequeno...

Já se vê que o menino não era dos mais infelizes, pois que, se tinha inimigos, achava tambem protectores por toda a parte. Para diante os leitores verão o papel que D. Maria representará nesta historia.

XVIII.

AMORES.

Os leitores devem já estar fatigados de historias de travessuras de criança; já conhecem sufficientemente o que foi o nosso memorando em sua menice, as esperanças que deu, e o futuro que prometeu. Agora vamos saltar por cima de alguns annos, e vamos ver realizadas algumas dessas esperanças. Agora começam historias, se não mais importantes, pelo menos um pouco mais sisudas.

Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clérigo, mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista, mettendo-o na Conceição, a quem D. Maria queria fazer rabula, arranjando-o em algum cartorio, e a quem, enfim, cada conhecido ou amigo queria dar um destino

que julgava mais conveniente ás inclinações que nelle descobria, o pequeno, dizemos, tendo tantas cousas boas, escolheu o peor possível: nem foi para Coimbra. nem para a Conceição, nem para cartorio algum; não fez nenhuma destas cousas, nem tambem outra qualquer; constituiu-se um completo vadio, vadio-mestre, vadio-typo.

O padrinho desesperava com isso vinte vezes em cada dia por ver frustrado o seu bello sonho, porém não se animava mais a contrariar o afilhado, e deixava-o ir á sua vontade.

A comadre tinha conseguido o seu fim, pelo que diz respeito á sobrinha; tanto fizera, que o Leonardo, pihando a cigana em nova infedilidade, resolveu-se... e arranjou-se... Dessa época começou elle a viver socegado: o vento da idade começava a apagar-lhe as flammass de ternura.

D. Maria envelhecêra soffrivelmente, porém não perdêra de modo nenhum a sua mania favorita das demandas; a ultima que tivera foi talvez a mais desculpavel, a mais razoavel de todas. Teve por causa a tutoria de uma sua sobrinha que ficara orphã por morte de um seu irmão. Este irmão tinha um compadre que não gozava de boa reputação: ora, tendo a orphã ficado senhora de alguns mil cruzados que deixara seu pai, ainda que este não tivesse feito testamento, por ser ella filha unica

e legitima, o compadre apresentou-se pretendendo ser seu tutor.

D. Maria, percebendo o caso, apresentou-se também, e afinal venceu: foi nomeada tutora e veio-lhe a sobrinha para casa; ella estimou isso, tanto mais que a sua idade já a fazia precisar, ainda não de um apoio, porém de uma companhia.

As mais personagens continuaram no mesmo estado.

Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de baptismo; não nos occorre se já dissemos que elle tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando fallamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o appellido de pataca, já muito vulgarisado nesse tempo, quando quizermos tratar daquelle.

Leonardo havia, pois, chegado á época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas occasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber porque, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cocegas nos labios.

Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a propria D. Ma-

ria lhe pedira, continuou a visita-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento.

Disso resultou que detestava profundamente as visitas, e que só se sujeitava a ellas obrigado pelo padrinho.

Em uma das ultimas vezes que foram á casa de D. Maria, esta, assim que os vio entrar, dirigio-se ao compadre e disse-lhe muito contente :

— Ora afinal venci a minha campanha... veio hontem para o meu poder a menina... O tal velhaco do compadre de meu irmão não levou a sua avante.

Muitos parabens, muitos parabens ! Respondeu o compadre.

Leonardo deu pouca attenção a isso ; ha muito tempo que ouvia fallar da tal sobrinha ; sentou-se a um canto, e começou a bocejar como de costume.

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dous, D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta appareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquerido a belleza de moça ; era alta, magra, pallida ; andava com o

queixo enterrado no peito, trazia as palpébras sempre baixas, e ohlava a furto ; tinha os braços finos e compridos ; o cabello, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e, como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa uma grande porção lhe cahia sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trazia nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quasi sem roda, e de cintura muito curta ; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça.

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas phrases inintelligiveis com voz rouca e sumida. Mal a deixaram livre desapareceu sem olhar para ninguem. Vendo-a ir-se, Leonardo tornou a rir-se interiormente.

Quando se retiraram, rio-se elle pelo caminho á sua vontade. O padrinho indagou a causa da sua bilaridade ; respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem rir-se.

— Então lembras-te della muito a miudo, porque muito a miudo te ris.

Leonardo vio que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas de vezes fallou na sobrinha da D. Maria ; e apenas o padrinho lhe annunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber porque, pulou de contente, e, ao contrario dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por prompto.

Sahiram e encaminharam-se para o seu destino.

XIX.

DOMINGO DO ESPIRITO-SANTO.

Era esse dia domingo do Espirito-Santo. Como todos sabem, a festa do Espirito-Santo é uma das festas predilectas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos habitos, uns bons, outros máos, ainda essa festa é motivo de grande agitação; longe porém está o que agora se passa daquillo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores. A festa não começava no domingo marcado pela folhinha, começava muito antes, nove dias, cremos, para que tivessem lugar as novenas. O primeiro annuncio da festa eram as Falias. Aquelle que escreve estas memorias ainda em sua infancia teve occasião de ver as Falias, porém foi já no seu ultimo gráo de decadencia, e tanto que só as crianças como elle davam-lhe

atensão e achavam nellas prazer ; os mais, se dellas se occupavam, era unicamente para lamentar a differença que faziam das primitivas. O que dantes se passava, bem encarado, não estava muito longe de merecer censura ; porém era costume, e ninguem vá lá dizer á alguma velha desse tempo que aquillo devia ser por força muito feio, por que leva uma risada na cara, e ouve uma tremenda philippica contra as nossas festas de hoje.

Entretanto digamos sempre o que eram as Falias desse tempo, apesar de que os leitores o saberão pouco mais ou menos. Durante os 9 dias que precediam ao Espirito-Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, sahiam pelas ruas da cidade um rancho de meninos, todos de 9 a 11 annos, *caprichosamente* vestidos á *pastora* : sapatos de côr de rosa, meias brancas, calção da côr do sapato, faixas á cintura, camisa branca de longos e cahidos collarinhos, chapéos de palha de abas largas, ou ferrados de seda, tudo isto enfeitado com grinaldas de flores, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um instrumento *pastoril* em que tocavam, pandeiro, machete e tamboril. Caminhavam formando um quadrado no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma musica de barbeiros, e precedidos e cercados

por uma chusma de *irmãos* de opa, levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quaes tiravam esmolas em quanto elles cantavam e tocavam.

O imperador, como dissemos, ia no meio ; ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de casaca de velludo verde, calção de igual fazenda e cõr, meias de seda, sapatos afivelados, chapéo de pasta, e um enorme e rutilante emblema do Espirito-Santo ao peito : caminhava pausadamente e com ar grave.

Confessem os leitores se não era cousa déveras extravagante ver se um imperador vestido de velludo e seda, percorrendo as ruas cercado por um rancho de pastores, ao toque de pandeiro e machete. Entretanto, apenas se ouvia ao longe a fanhosa musica dos barbeiros, tudo corria á janella para ver passar a Folia: os irmãos aproveitavam-se do ensejo, e iam colhendo esmolas de porta em porta.

Emquanto caminhava o rancho tocava a musica de barbeiros; quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, cantavam; as cantigas eram pouco mais ou menos no genero e estylo desta:

O Divino Espirito-Santo
E' um grande folião,
Amigo de muita carne,
Muito vinho e muito pão.

Eis-ahi o que era a Folia, eis-ahi o que o compadre e o afilhado encontraram no caminho.

A este episodio da Folia seguiam-se outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora, porém, voltemos aos nossos visitantes.

Chegaram elles á casa de D. Maria, e acharam ainda todos á janella, porque acabava de passar a Folia. D. Maria recebeu-os com a sua costumada amabilidade. Leonardo ao entrar lançou logo os olhos para a sobrinha de D. Maria; porém, sem saber porque, não teve desta vez mais vontade de rir-se; entretanto a menina continuava a ser feia e exquisita; nesse dia estava ainda peor do que nos outros. D. Maria tinha tido pretensões de asseia-la; vestira-lhe um vestido branco muito curto, puzera-lhe um lenço de seda encarnado ao pescoço, e penteira-a de *bugres*. Por isso, agora que tendo ella tirado a costumada viseira de cabellos lhe podemos ver o rosto, digamos, em abono da verdade, que se estava nesse dia mais exquisita quanto ao todo, podia-se-lhe notar que não era tão feia de cara como a principio pareceu.

O caso foi que o Leonardó começou a olhar para ella sem mais vontade de rir-se; olhou uma, duas, tres, quatro, muitas vezes, enfim, sem que nunca satisfizesse ao que elle interiormente chamava curiosidade de apreciar aquella figura.

A menina por sua parte continuava no seu ual-

teravel silencio e concentraçao de ollos baixos e queixo no peito. Entretanto quem tivesse habito de observador fino poderia ter visto algum levantar de palpebras rapido, e algum olhar fugaz dirigido para o lado de Leonardo.

D. Maria e o compadre conversaram segundo o seu costume.

Na occasiao da sahida, D. Maria, dirigindo-se ao compadre, disse-lhe :

— Olhe, escute : nós hoje vamos ao campo ver o fogo, bem podiamos ir todos juntos; que diz?

— Sim, podiamos, respondeu o compadre: eu tinha de ir só com o meu rapaz; mas uma vez que me offerece, iremos todos juntos. E leva a senhora a sua menina, não é?

— Oh ! levo coitada; ella nunca vio o fogo; no tempo do pai nunca sahia...

Sem pensar, o Leonardo estremeceu de contente: pareceu-lhe que desse modo teria mais occasiao de satisfazer a sua *curiosidade*. A menina nem se mexeu; pareceu-lhe aquillo absolutamente indifferente.

Pois então estamos ajustados, accrescentou o compadre, e á noite cá as viremos buscar.

E sahiram.

XX.

O FOGO NO CAMPO.

A' hora determinada vieram os dous, padrinho e afilhado, buscar D. Maria e sua familia, segundo haviam tratado ; era pouco depois de Ave-Maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de familias, de ranchos de pessoas que se dirigiam uns para o Campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, tambem se festejava o Divino. Leonardo caminhava, parecendo completamente alheio ao que se passava em roda delle ; tropeçava e abalroava nos que encontrava, uma idéa unica roia-lhe o miolo ; se lhe perguntassem que idéa era essa, talvez mesmo o não soubesse dizer. Chegaram, enfim, mais depressa do que suppozera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquella noite ter azas nos pés,

tão rapidamente caminhara e obrigara o padrinho a caminhar com elle.

D. Maria estava já prompta e os esperava com algumas outras pessoas com quem tambem tratara ir de companhia, e em um momento puzeram-se a caminho. Formavam todos um grande rancho acompanhado por não pequeno numero de negras e negrinhas escravas e crias de D. Maria, que levavam cestos com comida e esteiras. D. Maria deu o braço ao compadre, e o mesmo fizeram as outras senhoras aos demais cavalheiros. Por gracejo D. Maria fez com que o Leonardo dêsse o braço a sua sobrinha: elle aceitou a incumbencia com gosto, mas não sem ficar alguma cousa atrapalhado, e deu na pobre menina alguns encontrões, embaraçado por não saber se lhe-daria a esquerda ou a direita; finalmente acertou, e deu-lhe a esquerda, ficando elle do lado da parede. Offereceu-lhe o braço, porém Luizinha (tratemo-la desde já por seu nome) pareceu não entender o offerecimento ou não dar fé delle. Contentou-se, pois, o Leonardo em caminhar ao seu lado.

Assim chegaram ao Campo, que estava cheio de gente. Nesse tempo ainda se não usavam as barracas de bonecos, de sortes, de raridades e de theatros, como hoje: usavam-se apenas algumas que serviam de caas de pasto. Depois de passarem por diante dellas, D. Maria e a sua gente se dirigiram para o

Imperio. Luizinha estava attonita no meio de todo aquelle movimento, diante daquelle espectaculo que via pela primeira vez, pois era verdade o que dissera D. Maria; no tempo de seu pai raras ou nenhuma vez sahia de casa. Assim, sem o saber, parava algumas vezes embasbacada a olhar para qualquer cousa, e o Leonardo muitas vezes via-se forçado a puxar-lhe pelo braço para obriga-la a proseguir.

Chegaram ao Imperio, que era nesse tempo quasi defronte da igreja de Sant'Anna, no lugar agora occupado por uma das extremidades do quartel de Fuzileiros. Todos sabem o que é o Imperio, e por isso o não descreveremos. Lá estava a sua cadeira o imperador, que o leitor já vio passeando pela rua no meio de seus foliões. Luizinha, vendo-o, poz-se nas pontas dos pés, esticou o pescoço, e encarou-o por muito tempo extatica e absorta. O Leonardo vendo isto sentio um não sei que por dentro contra o menino que attrahia a attenção de Luizinha, e passou-lhe pela mente o desejo louco de voltar atrás 6 ou 8 annos de sua existencia, e ser tambem imperador do Divino.

Nas escadas do imperio fazia-se leilão como ainda hoje, divertindo-se muito o povo alli apinhado com as graçolas pesadas do pregoeiro. Estiveram ahi algum tempo entretidos os nossos conhecidos, e forão depois procurar no meio do campo um lugar onde pudessem fazer alto para

cear e ver o fogo. Acharam-no, não sem alguma dificuldade, pois que muitas outras famílias se haviam adiantado e tomado as melhores posições. Grande parte do campo estava já coberto daquelles ranchos sentados em esteiras, ceando, conversando, cantando modinhas ao som de guitarra e viola. Fazia gosto passeiar por entre elles, e ouvir aqui a anedocta que contava um conviva de bom gosto, alli a modinha cantada naquelle tom apaixonadamente poetico, que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquelle movimento e animação que geralmente reinavam. Era essa a parte (permitta-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentaram se como os outros em roda de suas esteiras, e começaram a cear. Leonardo, apesar das emoções novas que experimentava desde certo tempo, e principalmente naquella noite, nem por isso perdeu o appetite, e esqueceu-se por algum tempo de sua companheira para cuidar unicamente do seu prato. No melhor da cêa foram interrompidos pelo ronco de um foguete que subia; era o fogo que começava. Luizinha estremeceu, ergueu a cabeça, e pela primeira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiada ao ver cair as lagrimas inflamadas do foguete que aclaravam todo o campo.

— Olhe, olhe, olhe !...

Alguns dos circumstantes desataram a rir; o Leonardo deu o cavaco com aquellas risadas; e as achou muito fóra do tempo. Felizmente Luizinha estava por tal maneira extasiada, que não deu attenção a cousa alguma, e enquanto duraram os foguetes não tirou os olhos do ceo.

Aos foguetes seguiram-se, como sabem os leitores, as rodas. Nessa occasião o extasi da menina passou a phrenesi; applaudia com enthusiasmo, erguia o pescoço por cima das cabeças da multidão, tinha desejo de ter duas ou tres varas de comprido para ver tudo a seu gosto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sobre os seus hombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, fallava-lhe e communicava-lhe a sua admiração! O contentamento acabou por familiarisa-la completamente com elle. Quando se atacou a lua, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos hombros de Leonardo, deu-lhe quasi um abraço pelas costas. Leonardo estremeceu por dentro, e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto, vio sobre seus hombros aquella cabeça de menina illuminada pelo clarão pallido do mixto que ardia, e ficou tambem por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jámais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se della e acha-la feia.

Acabado o fogo, tudo se poz em andamento, levantaram-se as esteiras, espalhou-se o povo. D. Maria e sua gente puzeram-se tambem em marcha para casa, guardando a mesma disposição com que tinham vindo. Desta vez, porém, Luizinha e Leonardo, não é dizer que vieram de braço, como este ultimo tinha querido quando foram para o campo, foram mais adiante do que isso, vieram de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. Este *ingenuamente* não sabemos se se poderá com razão applicar ao Leonardo. Conversaram por todo o caminho como se fossem dous conhecidos muito antigos, dous irmãos de infancia, e tão distrahidos iam que passaram a porta de casa sem parar, e já estavam muito adiante quando os *sios* de D. Maria os fizeram voltar. A despedida foi alegre para todos e tristissima para os dous. Entretanto, como sempre que se despedia, o compadre prometteu voltar, e isso servio de algum allivio, especialmente ao Leonardo, mais que tomara tudo o que se acabava de passar em grosso.

XXI.

CONTRARIEDADES.

Creemos, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidoso que chegara ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguém escapa neste mundo, ainda que para alguns seja elle facil e leve, e para outros pesado e custoso : o rapaz amava. E' escusado dizer a quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que a princípio tanto desafiara a sua hilaridade por esquesita e feia, lhe viera depois a inspirar amor, é isso segredo do coração do rapaz, que nos não é dado penetrar : o facto é que elle a amava, e isto nos basta. Convém lembrar que se pela sorte de um pai se póde augurar a de um filho, o Leonardo em materia de amor não promettia de certo

grande fortuna. E com effeito, logo depois da noite do fogo no campo, em que as cousas começavam a tomar vulto, principiou a roda a desandar-lhe em quasi todos os sentidos. Luizinha, uma vez extincto o enthusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentara na noite do fogo, a acordara da sua apathia, voltara de novo ao seu antigo estado: e, como de tudo esquecida, na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizeram a D. Maria, depois desses acontecimentos, nem para este ultimo levantara os olhos; conservara-se de cabeça baixa e olhos no chão.

Ora, para quem, como o Leonardo, levara depois daquella feliz noite a construir esses castellos de estravagante architectura, com que sonhamos nos dias felizes do primeiro amor, isso foi já uma contrariedade sem nome; quando se vio assim tratado quasi desatou a chorar; só o conteve o receio de não poder depois justificar o seu pranto com qualquer pretexto. A este primeiro movimento succedeu-lhe um momento de calma, e depois cresceu-lhe por dentro uma chamma de raiva, e esteve a ponto de chegar-se para a menina, desenterrar-lhe o queixo do peito, e chama-la quatro ou cinco vezes de esturdia e feia. Afinal scismou um pouco e murmurou um—que me importa! — que pretendia ser desprezo, e que não era senão despeito.

A' primeira visita, depois da noite do fogo seguiram-se muitas outras em que as cousas se passaram pouco mais ou menos do mesmo modo.

Um novo successo o veio, porém, um dia dar outra côr e andamento aos successos ; foi o encontro dos dous, padrinho e afilhado, em casa de D. Maria com uma personagem estranha a ambos. Era um conhecido de D. Maria, que havia ha pouco -chegado de uma viagem á Bahia. Figure o leitor um homemzinho nascido em dias de Maio, de pouco mais ou menos trinta e cinco annos de idade, magro, narigudo, de olhar vivo e penetrante, vestido de calção e meias pretas, sapatos de fivella, capote e chapéo armado, e terá idéa do physico do Sr. José Manoel, o recém-chegado. Quanto ao moral, se os signaes physicos não falham, quem olhasse para a cara do Sr. José Manoel assignava-lhe logo um lugar distincto na familia dos velhacos de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum ; o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre todas as suas qualidades possuia uma que infelizmente caracterisava naquelle tempo, e talvez que ainda hoje, positiva e claramente o fluminense, era a maledicencia. José Manoel era uma chronica viva ; porém chronica escandalosa, não só de todos os seus conhecidos e amigos e das familias destes, mas ainda dos conhecidos e amigos

dos seus amigos e conhecidos e de suas familias. Debaixo do mais futil pretexto tomava a palavra, e enfiava um discurso de duas horas sobre a vida de fulano ou beltrano.

Por exemplo, conversando-se sobre qualquer objecto acontecia fallar-se em D. Francisca Brites.

—Conheci muito D. Francisca Brites, atalhava immediatamente o incansavel fallador; era mulher de João Brites, filho bastardo do capitão Sanches; em tempo de casada, diziam suas cousas della, e a culpa tinha Pedro de Aguiar, sujeito que não gozava de boa nota, principalmente depois que se metteu ahi na alhada de um testamento falso, que attribuiram ao Lourenço da Cunha, que, em abono da verdade, era bem capaz disso, pois era sujeito de mãos limpas. Foi até elle quem furtou de casa a filha de D. Ursula, que foi moça de Francisco Borges, a quem deixou para seguir a Pedro Antunes, que por signal lhe deu bem má vida.

E tambem ella não devia esperar outra coisa delle, porque homem que se atreveu a fazer o que elle fez a tres filhas que tinha, é capaz de tudo. Chegou a pôr pela porta fóra com um páo as pobres moças, depois de as ter espancado dasapiadamente. Entretanto uma dellas foi bem feliz: achou ahi um capitão de navio que tratou della; as outras não, coitadas!...


—Infelizes porque? acudia por acaso algum dos circumstantes; ellas casaram...

—Casaram, sim, é verdade, retorquia elle, tomando novo folego, porém com que marido? Uma tomava moafas de todo o tamanho, o outro gastou tudo quanto tinha no jogo. Conheci-os a ambos muito bem...

E por ahi proseguia e internava-se a perder de vista pela geração toda dos dous maridos, e era capaz de gastar nesse trabalho horas inteiras.

Desde o primeiro dia que o padrinho e o afilhado encontraram-se com José Manoel em casa de D. Maria, nenhum dos dous lhe ficou por certo querendo muito bem, e este não querer bem foi crescendo de dia em dia, especialmente pela parte do Leonardo. E o caso é que elle tinha razão; foi o instincto que o avisou de que alli havia um inimigo. Tão exaggerados eram os affagos de José Manoel para com D. Maria, e tanto repartia elle esses affagos com Luizinha, que bem claro se deixou ver que havia nelles fim occulto. Afinal o negocio aclarou-se. D. Maria era, como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha: se morresse D. Maria, Luizinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse, como José Manoel, em disponibilidade; este, pois, fazia a côrte á velha

com intenções na sobrinha. Quando Leonardo, esclarecido pela sagacidade do padrinho, entrou no conhecimento destas cousas, ficou fóra de si, e a idéa mais pacífica que teve foi que podia mui bem, quando fosse visitar D. Maria, munir-sê de uma das navalhas mais afiadas de seu padrinho, e na primeira occasião opportuna fazer de um só golpe em dous o pescoço de José Manoel. Porém teve de applicar-se e ceder ás admoestações do padrinho que sabia de todos os seus sentimentos, e que os approvava.



XXII.

ALLIANÇA.

Se Leonardo se affligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o apparecimento e com as disposições de José Manoel, o padrinho não se incomodava menos com isso: vendo que o afilhado se fazia homem, e tendo decididamente abortado aquelle seu gigantesco plano de manda-lo á Coimbra, enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excellente para o seu rapaz. Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia, com muito justa razão, se as cousas continuassem do mesmo modo, quando chegasse o momento do desfecho das cousas, recusar sua sobrinha a um rapaz, que não se occupava em cousa alguma, e que não tinha futuro. Por este motivo muitas vezes instava com o afilhado para

que ensaiasse na cara de algum freguez tolo entrar no officio ; porém este recusava-se obstinadamente. A comadre, quando alguma vez apparecia por casa do barbeiro, não cessava de insistir no seu antigo projecto de fazer o rapaz entrar para a Conceição. Uma occasião em que nisso fallou diante d'elle, custou-lhe a historia uma forte sarabanda : o rapaz tomara gosto á vida de vadio, e por principio algum queria deixa-la. E se em outras occasiões estava elle desse humor, agora, depois dos ultimos acontecimentos, quando o amor e o ciume lhe occupavam a alma, não queria ouvir fallar em semelhantes cousas ; acreditava que a sua melhor occupação devia consistir em dar cabo do rival que se lhe antepuzera.

No meio de tudo isto peor era que José Manoel parecia adiantar-se cada vez mais ; astuto como era, insinuava-se destramente no animo de D. Maria, e a captivava com attensões de toda a sorte. O comadre começou a banzar sobre o caso, e um dia veio-lhe uma idéa : era preciso pôr a comadre ao corrente do que se passava, e interessa-la no negocio ; ella era bem capaz, se quizesse, de arcar com José Manoel, e pô-lo fóra de combate ; gozava boa fama de ter geito para *essas cousas*. Com effeito mandou chamar a comadre e expoz-lhe tudo.

— Sim ! respondeu ella ao ouvir a narração ; o caso é este ? pois está de cór o tal sujeito ; hei de

mostra-lhe para quanto presto. Já hoje mesmo vou visitar D. Maria.

Mal sabia José Manoel que tormenta se levantava contra elle. Ha muito percebera elle que Leonardo e seu padrinho o não podiam tragar, e mesmo que tinham segundas tenções a respeito de Luizinha, porém nunca lhe passara pela mente que seria mister lutar com elles. Em breve teve de ver que se enganava. A comadre foi, como promettera, á casa de D. Maria, e achando lá José Manoel procurou fazer-se ostensivamente muito sua camarada, ainda que baixinho, e de vez em quando soltava perto de D. Maria algumas indirectas contra elle..

Quando José Manoel acabava de contar uma historia com todos os detalhes costumados sobre a vida deste ou daquelle, a comadre murmurava, por exemplo:

— Que lingua! sáfa....

E com estas e outras ia pondo em relevo, sem parecer que tinha tal intenção, o character do adversario.

Além da qualidade de maldizente, José Manoel mentia com um descarro, como raras vezes se encontra. D. Maria, amiga de novidades, e além disso muito credula, commungava perfeitamente quanta pêta lhe queria elle embutir. Uma das suas historias mais communs era a que elle inti-

tulava—*O naufragio dos potes.*—Acontecera-lhe na sua ultima viagem á Bahia, e elle a contava pelo modo seguinte :

« Estavamos quasi a chegar ao ancoradouro ; viajava ao lado do meu navio um enorme *perú* carregado unicamente de potes. De repente arma-se um temporal, que parecia vir o mundo abaixo ; o vento era tão forte, que do mar, apezar da escuridão, viam-se contradansar no espaço as telhas arrancadas da cidade alta. Afinal, quando já parecia tudo socegado e começava a limpar o tempo, veio uma onda tão forte e em tal direcção, que as duas embarcações esbarraram com toda a força uma contra a outra. Já muito maltratadas pelo temporal que acabavam de supportar, não puderam mais resistir, e abriram-se ambas de meio a meio ; o navio vasou toda a sua carga e passageiros, e o *perú* toda a sua carregação de potes ; ficou o mar coalhado delles, em tão grande quantidade os havia ! Os marinheiros e outros passageiros trataram de agarrar-se a taboas, caixões e outros objectos para se salvarem ; porém o unico que se escapou fui eu, e isso devo á feliz lembrança que tive ; do pedaço do navio em que tinha ficado dei um salto sobre o pote que boiava mais perto. Com o meu peso o pote mergulhou, e enchendo-se de agua desapareceu debaixo de meus pés ; porém isto não teve lugar antes que eu, percebendo o que

ia acontecer, não saltasse immediatamente desse pote para outro. A este outro e a todos os mais aconteceu a mesma cousa, porém servi-me do mesmo meio, e assim, com a força das ondas os impellia para a praia, vim de pote em pote até á terra sem o menor accidente ! »

Como esta contava José Manoel milhares de historias.

Foi tambem isso um thema de que se servio a comadre para o desconceituar no animo de D. Maria, sempre, é verdade, muito sorrâteiramente.

Veremos quaes foram os resultados que alcançaram o compadre e o Leonardo com a alliança formada com a comadre contra o concorrente á Luizinha.

XXIII.

DECLARAÇÃO.

Emquanto a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Mancel, Leonardo ardia em ciúmes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de bom resultado, que lhe faziam o padrinho e a madrinha. O pobre rapaz via sempre diante de si a detestavel figura de seu rival a desconcertar-lhe todos os planos, a desvanecer-lhe todas as esperanças. Nas horas de socego entregava-se ás vezes á construcção imaginaria de magnificos castellos, castellos de nuvens, é verdade, porém que lhe pareciam por instantes os mais solidos do mundo; de repente surdia-lhe de um canto o terrivel José Manoel com as bochechas inchadas;

e soprando sobre a construcção, a arrazava em um volver de olhos.

Entretanto, o que havia de notavel é que Luizinha, causa de tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indifferente. Leonardo veio a entender, depois de muito meditar, que isto constituia um dos principaes defeitos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar a José Manoel, e pô-lo em estado de não poder mais entrar em combate, quem poderia dizer que o triumpho era completo? Não havia ainda uma segunda campanha a dar contra a indifferença de Luizinha? Daqui concluiu elle que era mister ir já rompendo fogo por esse lado; e como lhe pareceu o de mais importancia, não quiz confiar a nenhum dos alliados o seu ataque, e decidio-se a dá-lo em pessoa. Devia começar, como o sabe de cór e salteado a maioria dos leitores, que é sem duvida nenhuma muito entendida na materia, por uma declaração em fórma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira sahida é o mais difficil. Todas as vezes que esta idéa vinha á cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhava-se-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compor, a estudar o que havia de dizer a Luizinha quando apparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéas brilhantes

porém mal tinha assentado em que diria isto ou aquillo, e já isto e aquillo lhe não parecia bom. Por varias vezes tivera occasião favoravel para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém nessas occasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de pernas que se apoderava d'elle, e que não lhe permittia levantar-se do lugar onde estava, e um engasgo que lhe sobrevinha, e que o impedia de articular uma só palavra. Emfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, e dizer-lhe a primeira cousa que lhe viesse á boca.

Luizinha estava no vão de uma janella a espiar para a rua pela rotula, Leonardo aproximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou immovel como uma estatua atrás della que, entretida para fóra, de nada tinha dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia fallar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois, fez um movimento como se quizesse tocar no hombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por ahi não ia bem; quiz antes puxar-lhe pelo vestido, e ia já levantando a mão quando tambem se arrependeu. Durante todos estes movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. Emfim, um incedente veio tira-lo da difficuldade. Ouvindo passos no corredor, entedeu que alguém se approximava, e tomado

de terror por se ver apanhado naquella posição, deu repentinamente dous passos para trás, e soltou um—ah!—muito engasgado. Luizinha, voltando-se, deu com elle diante de si, e recuando, espremeu-se de costas contra a rotula; veio-lhe tambem outro—ah!—porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguém chegasse á sala; os dous levaram algum tempo naquella mesma posição, até que o Leonardo, por supremo esforço, rompeu o silencio, e com voz tremula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntou desenxabidamente :

— A senhora... sabe... uma cousa ?

E rio-se com uma risada forçada, pallida e tola.

Luizinha não respondeu. Elle repetio no mesmo tom :

— Então... a senhora... sabe ou... não sabe ?

F tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

— A senhora bem sabe... é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

— Se a senhora não ficasse zangada... eu dizia...

Silencio.

— Esta bom... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não zangada?

Luizinha fez um gesto de quem estava impacientada.

— Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero... muito bem.

Luizinha fez-se côr de uma cereja; e fazendo meia volta á direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se aproximava-se.

Leonardo vio-a ir-se, um pouco estupefacto pela resposta que ella lhe dera, porém não de todo descontente: seu olhar de amante percebera que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradavel a Luizinha.

Quando ella desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fadigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

ADVERTENCIA:



O editor da *Bibliotheca Brasileira* tem um compromisso de coração que ha de cumprir-lo:— fazer uma edição especial das *obras completas* do seu infeliz amigo Manoel Antonio de Almeida.

Emquanto se reúnem os esparços escriptos, as trovas abandonadas, os artigos atirados a esmo, confundidos e perdidos entre tantas paginas soltas e ephemerias, iremos dando ao prélo as que estão colleccionadas e promptas.

O romance, que hoje começamos a publicar, appareceu a principio sem nome do autor. A edição posta á venda esgotou-se ou pelo menos raros são os que possuem hoje um exemplar della.

Esta circumstancia determinou a nossa preferencia.

Para a edição das *obras completas*, estão reservados outros trabalhos complementares, taes como a biographia do autor e um juizo critico sobre as suas obras.

Ahi será contada a historia da composição, que

hoje offerecemos aos nossos assignantes, que, mais justos do que o proprio autor para com seu trabalho, hão de sem duvida honra-lo com um apreço condigno ao valor do escripto.

Varios amigos de M. de Almeida nos tem prevenido de que desejariam formar o prestito litterario que deve conduzir a sua memoria ao templo imperecedouro da admiração nacional.

Pela nossa parte, que tão de perto o conhecemos e que lhe fomos irmão, só temos um receio, é de que nunca se chegue a avaliar devidamente o que valia aquella grande intelligencia e sobretudo aquella grande coração que teriam feito de Almeida um typo se Deos não houvesse preferido faze-lo um martyr!

INDICE.

I.—Origem, nascimento e baptisado .	7
II.—Primeiros infortunios.	15
III.—Despedidas ás travessuras .	27
IV.—Fortuna.	35
V.—O Vidigal	39
VI.—Primeira noite fóra de casa.	45
VII.—A comadre. . . .	53
VIII.—O pátéo dos bichos. . . .	59
IX.—O- arranjei-me—do compadre .	65
X.—Explicações	71
XI.—Progresso e atrazo .	81
XII.—Entrada para a escola.	89
XIII.—Mudança de vida	95
XIV.—Nova vingança e seu resultado	103
XV.—Estralada	113
XVI.—Successo do plano .	123
XVII.—D. Maria	129
XVIII.—Amores. . . .	141
XIX.—Domingo do Espirito-Santo.	147
XX.—Fogo no Campo .	153
XXI.—Contrariedade.	159
XXII.—Alliança.	165
XXIII.—Declaração. . . .	171



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).